



OBSERVATÓRIO
DE MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA
& TECNOLOGIA

Museus de Ciência e seus Visitantes

Estudo Longitudinal 2005 • 2009 • 2013

Rio de Janeiro, 2017





Museus de Ciência e seus Visitantes

Estudo Longitudinal - 2005, 2009, 2013

Instituições Participantes

Museu Aeroespacial

(Força Aérea Brasileira / Ministério da Defesa)

Museu da Vida

(Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz / Ministério da Saúde)

Museu de Astronomia e Ciências Afins

(Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações)

Museu do Universo - Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro

(Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro)

Museu Nacional

(Universidade Federal do Rio de Janeiro / Ministério da Educação)

OMCC&T

Sonia Mano

Sibele Cazelli

Andréa Fernandes Costa

José Sergio Damico

Loloano Claudionor da Silva

Wailã de Souza Cruz

Vanessa Fernandes Guimarães

Realização



OBSERVATÓRIO
DE MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA
& TECNOLOGIA

Edição e Organização



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Casa de
Oswaldo Cruz



museu da vida

Apoio



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

Parceiros



MUSEU CIÊNCIA E VIDA



Museu Naval



MUSEU DE
ASTRONOMIA
E CIÊNCIAS AFINES



JARDIM BOTÂNICO
DO RIO DE JANEIRO



200 anos
MUSEU NACIONAL
UFRJ



Espaço
CIÊNCIA VIVA



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES



Rio de Janeiro, 2017

Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia

MUSEUS DE CIÊNCIA E SEUS VISITANTES: ESTUDO LONGITUDINAL - 2005, 2009, 2013

Presidência da República: Michel Temer

Museu Aeroespacial

Ministro da Defesa: Sr. Raul Jungmann

Comandante da Aeronáutica: Tenente-Brigadeiro do Ar Nivaldo Luiz Rossato

Diretor do Instituto Cultural da Aeronáutica: Ten. Brig. AR R/1 Rafael Rodrigues Filho

Diretor do MUSAL: Brig. Ar R/1 Luiz Carlos Lebeis Pires Filho

Chefe do Patrimônio Cultural MUSAL: Ten. Cel. R/1 Vilma Souza dos Santos

Chefe da Seção de Recursos Educativos: Josemar Bernardo dos Santos

Participantes da pesquisa: Mônica de Macedo e equipe da seção do Recursos Educativos do Museu Aeroespacial.

Museu da Vida

Ministro da Saúde: Ricardo Barros

Presidente da Fundação Oswaldo Cruz: Nisia Trindade Lima

Diretor da Casa de Oswaldo Cruz: Paulo Roberto Elian dos Santos

Chefe do departamento Museu da Vida: Alessandro Machado Franco Batista

Autor: Sonia Maria Figueira Mano, José Sergio Damico, Loloano Claudionor da Silva, Vanessa Fernandes Guimarães.

Museu de Astronomia e Ciências Afins

Ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações: Gilberto Kassab

Diretora do Museu de Astronomia e Ciências Afins: Heloisa Maria Bertol Domingues

Chefe da Coordenação de Educação em Ciências: Eugênio Reis Neto

Autora: Sibeles Cazelli

Participantes da pesquisa: Sibeles Cazelli, Carlos Alberto Quadros Coimbra; **bolsista do Programa de Capacitação Institucional/CNPq:** Maíra Freire Naves Corrêa; **bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica/CNPq:** Marcelo Augusto do Amaral Ferreira, Viviane Fernandes da Silva, Bruno Moreira Soares Medeiros e Giovana Souza.

Museu Nacional

Ministro da Educação: José Mendonça Bezerra Filho

Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Roberto Leher

Diretora do Museu Nacional: Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho

Seção de Assistência ao Ensino: Andréa Costa

Autora: Andréa Costa

Participantes da pesquisa: **estudantes da Rede FAETEC:** Bruna Magalhães, Samantha Freitas, Tiely Rodrigues, Victória Meyer; **estudantes da UFRJ:** Afonso Fernandes, Henrique Sobral, Jade de Almeida e Yan Gomes sob a supervisão de Andréa Costa, Guilhermina Guabiraba e Sheila Villas Boas; **estudantes do Colégio Pedro II:** Gabriella Consentino, Luciana Moreira, Rachel Monteiro e Yasmim Reis sob coordenação de Andréa Costa e Renato Ramos.

Museu do Universo - Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro: Marcelo Crivella

Secretária de Cultura: Nilcemar Nogueira

Presidente da Fundação Planetário: Nelson Furtado

Diretor da Astronomia: Fernando Vieira

Autor: Wailã de Souza Cruz

Catlogação na fonte: Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel

M986 MUSEUS DE CIÊNCIA E SEUS VISITANTES: ESTUDO LONGITUDINAL - 2005, 2009,
2015 2013 / Sonia Mano, Sibeles Cazelli, Andréa Fernandes Costa, José Sergio Damico, Loloano Claudionor da Silva, Wailã de Souza Cruz, Vanessa Fernandes Guimarães. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz / Casa de Oswaldo Cruz / Museu da Vida, 2017.

56 p.

ISBN: 978-85-9543-004-4

1. Museus de ciência. 2. Avaliação. 3. Indicadores quantitativos. 4. Estatística. 5. Observatórios. I. Mano, Sonia. II. Cazelli, Sibeles. III. Costa, Andréa Fernandes. IV. Damico, José Sergio. V. Silva, Loloano Claudionor. VI. Cruz, Wailã de Souza. VII. Guimarães, Vanessa Fernandes. VIII. Observatórios de Museus e Centros de Ciência & Tecnologia. IX. Título. X. Série.

CDD – 069.0981

Projeto Gráfico e Diagramação: Deborah Curci

Logomarca OMCC&T: Damarquinho da Silva Camilo

Agradecimento especial: Luciana Sepúlveda Köptke

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	8
INTRODUÇÃO.....	12
Participantes da pesquisa.....	17
Aspectos metodológicos.....	22
Procedimentos da pesquisa.....	23
Desenho e validação do questionário.....	23
A amostra da pesquisa.....	24
APRESENTANDO A PESQUISA.....	25
Conhecendo os participantes.....	25
ANTECEDENTES DA VISITA.....	30
Primeira visita ao museu?.....	30
Tempo de conhecimento do museu visitado.....	30
Fonte de informação sobre o museu.....	31
Motivos da visita.....	32
Contexto social da visita.....	33
Tempo de duração da visita.....	35
GRAU DE SATISFAÇÃO, INTENÇÃO E MOTIVO DE RETORNO.....	36
Intenção de retorno ao museu visitado.....	36
Motivos alegados para o retorno ao museu visitado.....	37
HÁBITO DE VISITAÇÃO A MUSEUS E CENTROS CULTURAIS.....	38
Visita a outros museus e centros culturais nos últimos 12 meses.....	38
Frequência de visita a museus e centros culturais nos últimos 12 meses.....	39
Fatores que dificultam a visita a museus.....	40
SINTETIZANDO.....	41
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS.....	47
QUESTIONÁRIO.....	49
LISTA DE TABELAS.....	54
LISTA DE GRÁFICOS.....	54

APRESENTAÇÃO

Entre 2013 e 2017, o país foi virado pelo avesso e nos defrontamos, hoje, com desafios políticos, econômicos e sociais que atropelam a sociedade brasileira. A proposta de redução do papel do Estado ocupa o centro do palco, tendo como consequência o corte de verbas públicas para os setores e políticas sociais, como a Educação, a Saúde e a Seguridade Social, a Cultura e a Ciência e Tecnologia.

A publicação do Caderno, Museus de ciência e seus visitantes: pesquisa perfil-opinião 2013, do Observatório de Museus e Centros de Ciência (OMCC&T) foi motivo de sincera alegria. Hoje, o segundo caderno é motivo de orgulho. Reflete o engajamento de um grupo de instituições de pesquisa com a continuidade desta iniciativa que, durante oito anos, foi parte de uma política pública no campo cultural, a dos museus. A curiosa trajetória do Observatório de Museus e Centros Culturais - OMCC/ OMCC&T nos oferece um exemplo da dinâmica e das relações entre gestores públicos e pesquisadores em ação nos campos da saúde, da ciência, da tecnologia e da cultura quando se propõem a exercitar a gestão pública intersetorial, vislumbrando além das políticas de governo, um projeto comum de Estado. Ilustra, igualmente, estratégias de resiliência e combatividade, reforçando a importância da cooperação interinstitucional diante de um cenário de poucos recursos e crise política.

Cabe, ainda, lembrar outra dimensão do momento atual: a polarização no campo discursivo. Posições políticas, éticas e morais são confrontadas de modo violento, num contexto reacionário e dogmático, implicando em retrocessos de direitos humanos e sociais onde a democracia é desafiada. Neste contexto, os museus e instituições de educação e cultura são chamados a tomar posições e cumprir seu papel na arena simbólica.

A Fiocruz, mais conhecida nos campos da saúde pública e da biomedicina, acumula iniciativas em pesquisa, educação e comunicação com foco na importância da cultura para o cuidado e a promoção da saúde. Dentre estas iniciativas, situo o Observatório de Museus e Centros Culturais, atual Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia.

Considero como o marco inicial da história do OMCC, a Oficina realizada em Petrópolis/RJ em 2003, embora muito trabalho já fosse empenhado anteriormente na construção de um protocolo piloto, testado junto a quatro instituições cariocas com apoio de recursos do PROTEC, um programa de indução para desenvolvimento tecnológico da Casa de Oswaldo Cruz (COC). O OMCC resultava da convergência de oportunidades de investimento institucional em inovação de tecnologia leve e na consolidação do Museu da Vida como espaço de educação, mas também como produtor de conhecimento e articulador no cenário dos museus e centros de ciência. A

predisposição à abertura institucional da COC e do Museu da Vida (MV), em particular, manifesta pelos programas de acolhimento de bolsistas em todos os níveis, pela organização de encontros nacionais e internacionais e pela busca de organizar ações em parceria com outras instituições garantiu, sem dúvida, oportunidades de aprendizagem e colaboração organizacional que ajudam a explicar o contexto interno de criação de um projeto como o OMCC.

No que toca o contexto externo, a administração pública no Brasil, no limiar do século XXI, intensificava investimentos na racionalização da gestão e na transparência e justificativa social dos investimentos públicos, traduzidos no aumento de ações avaliativas, aprimoramento de sistemas de informação e proliferação de instrumentos de monitoramento de políticas. Tal investimento propagou-se praticamente em todos os setores, dentre os quais o cultural, o educacional e o da popularização das Ciências, e passou a ser percebido como necessário e estratégico para muitas instituições. Museus e centros culturais são instituições, espaços sociais onde ocorre algum tipo de atividade. Pode-se afirmar que enquanto espaço e prática social estas instituições não existiriam sem indivíduos e grupos para quem estes espaços fizessem sentido. Dito de outra forma, não existe museu sem público ou sem que representações sobre estes se manifestem. Visitantes escolhidos por colecionadores zelosos, crianças em visita escolar ou multidões atraídas por grandes feitos midiáticos nos finais de semana, o público desejado, ignorado, idealizado está presente, definindo de forma relacional a própria identidade e vocação institucional. Em meio a crises de legitimidade social e à escassez de recursos econômicos, os museus adentraram, a partir dos anos 1950, o campo da economia da cultura e, como consequência, enfatizaram o papel das exposições como dispositivo comunicacional, valorizando a presença e a opinião do público como indicadores de eficácia institucional. Ao mesmo tempo, o aumento da frequência e a diversidade social e cultural de seus visitantes e usuários (pois diversificam os serviços oferecidos, como oficinas, cursos, palestras, concertos, dentre tantos outros) tornaram-se argumentos de legitimidade, tanto pela lógica econômica quanto pela retórica política sobre a democratização do acesso à cultura e pelo debate sobre sua função social, alargando as possibilidades e expectativas de atuação dos museus em seus territórios.

Pessoalmente, acredito que os estudos de público, enquanto práticas sociais, acabam por inserir o visitante, o público real e potencial dos museus, no processo de organização dos serviços e experiências culturais oferecidos. Forma-se um espaço público de opinião sobre estas instituições para além das falas dos artistas e dos pesquisadores onde a expressão do não especialista ganha legitimidade. Foi neste contexto que o Museu da Vida, em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins e com apoio da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), conseguiu mobilizar nove outros museus em torno de um projeto de longa duração: o grupo de trabalho que, durante o ano de 2004, reuniu-se mensalmente para elaborar o protocolo de

pesquisa Perfil-Opinião (PO). Participaram naquele momento, além do MV e do MAST, o Museu Nacional, o Museu do Universo - Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro, o Museu Aeroespacial, o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, o Museu do Índio, o Museu Casa de Rui Barbosa, o Museu do Primeiro Reinado, o Museu Antônio Parreiras e o Museu Histórico Nacional. Todos estes museus comprometeram o tempo de seus profissionais, cederam espaço para as reuniões, colaboraram com o papel para a impressão dos questionários, imbuídos em responder à mais urgente das perguntas compartilhadas: quem visitava e quem não visitava os museus? O que motivava a realização de visitas? Como visitam? O que esperavam? Como avaliavam a visita?

Após a aplicação da pesquisa 2005, criou-se um verdadeiro circuito de discussão, produção de dados, reflexão sobre as práticas diante de novas informações e análises comparativas que traziam como possibilidade desnaturalizar as expectativas sobre quem visitava e sobre os modos de apropriação daqueles museus. Surgia uma dinâmica de produção e circulação de discurso sobre os visitantes, envolvendo diretamente pesquisadores, mas, principalmente, o corpo profissional de cada instituição. Talvez seja esta a característica mais original do OMCC: ser mais do que um protocolo de pesquisa. Trata da formação de uma rede colaborativa, envolvendo, por adesão, profissionais e gestores, especialistas ou não dos estudos de público, que juntos buscam construir e ampliar a interlocução com os diferentes públicos e não públicos dos museus, de modo a acompanhar e refletir sobre como as instituições museais, e os campos simbólicos nos quais operam, se relacionam com os diferentes segmentos sociais e são por eles apropriados. O âmago deste esforço é transpor a produção da esfera discursiva para a transformação de práticas, com desdobramentos na organização, planejamento e gestão das instituições. Neste sentido, quando concluída a pesquisa 2009, diante de novas possibilidades institucionais e políticas para o desenvolvimento do OMCC cheguei a desenhar três cenários possíveis: o primeiro previa uma continuidade com base setorial, a partir da assimilação do OMCC como programa de pesquisa da Fiocruz, em parceria com o MAST, ENCE e outros museus, com ênfase na reflexão sobre a relação destes museus com a sociedade, obedecendo às suas agendas e necessidades particulares; o segundo, previa a setorização pela assimilação do OMCC ao corpo da administração pública dos museus, com ênfase nas pautas e agendas da gestão pública das instituições; finalmente, uma terceira via, imaginou o fortalecimento de um programa interinstitucional articulando antigos e novos parceiros da academia, da gestão pública e profissionais e instituições a partir de uma colaboração intersetorial (KÖPTCKE, 2010). Enquanto o primeiro cenário se caracterizava por uma articulação horizontal por adesão, os demais poderiam sugerir um formato verticalizado, atuando sistemicamente do nível federal até o local e vice-versa.

A continuidade do OMCC&T confirmou a assimilação setorial (museus e centros de ciência e tecnologia), relacionada à agenda de pesquisa e gestão das instituições partícipes, de forma

horizontalizada. Fortaleceu a mobilização institucional para a escuta inclusiva e construção de discursos, com os públicos, sobre suas formas de apropriação dos museus, da ciência e da tecnologia. Lembro, ainda, que o protocolo perfil-opinião foi pensado como o primeiro de uma série de pesquisas quantitativas, qualitativas e pesquisa-ação a serem desenvolvidas, não se confundindo com a proposta do Observatório em si. Iniciamos com uma pesquisa sobre visitantes espontâneos por serem aqueles sobre os quais os museus reuniam menos informações, naquela época, mas os públicos escolares, associativos, os profissionais dos museus, os seus mediadores, os públicos familiares, os jovens, os idosos, os não públicos, os usuários dos museus virtuais, constituem exemplos da inesgotável agenda futura do OMCC&T. Ademais, outros temas para a reflexão sobre a relação dos museus e centros de ciência e tecnologia com a sociedade poderiam habitar a agenda do OMCC&T, a exemplo de estudos sobre investimento, formação e profissionalização do campo, políticas públicas setoriais e intersetoriais e impacto dos museus e centros de ciência e tecnologia na sociedade para a saúde, o desenvolvimento e a economia da cultura, a inclusão cultural ou a diminuição de desigualdades.

Finalmente, gostaria de concluir este texto retomando a alegria e o orgulho com o OMCC&T, reflexo de transformações organizacionais duradouras, sobretudo, do empenho de uma rede de profissionais competentes e entusiastas, dentre os quais, gostaria de citar nominalmente as incansáveis Sonia Mano, representando o Núcleo de Estudos de Público do Museu da Vida e Sibeles Cazelli, da Coordenação de Educação em Ciências do MAST, parceira de primeira hora do OMCC. Estes profissionais seguem, assim, propagando uma cultura compartilhada de escuta qualificada e inclusão dos públicos, não públicos e diferentes atores na reflexão sobre a pertinência social da missão e vocação de cada instituição museal. Colaboram, igualmente, com a imprescindível análise sobre os sentidos - e implicações - da ciência e da tecnologia para distintos segmentos da sociedade brasileira. Vida longa para o OMCC&T!

Referências

KÖPTCKE, L. S.; CAZELLI, S.; LIMA, J. M. **Museus e seus visitantes**: relatório de pesquisa perfil-opinião 2005. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, 2008.

KÖPTCKE, L. S. (Coord.). **Pesquisa Perfil-Opinião 2009**: museus do Rio de Janeiro 2009. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz; MAST; ENCE / IBGE, 2012.

KÖPTCKE, L. S. Sobre museus, públicos e dinâmicas sociais: o caso do Observatório de Museus e Centros Culturais. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z.; BENCHETRIT, S. F. (Org.). **Museus e Comunicação**: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 69- 86.

INTRODUÇÃO

O papel da ciência e da tecnologia na sociedade contemporânea é inegável e vem diretamente influenciando nossa cultura, produzindo profundas transformações nos mais diversos setores da vida humana. Os modelos produtivos, as formas e fluxos de comunicação, as oportunidades e formas de aprendizagem, os requisitos para a inserção e permanência no mercado de trabalho, o meio ambiente e até mesmo as perspectivas de duração da existência humana são exemplos desta influência.

Ciência, tecnologia e inovação têm sido fatores essenciais no competitivo processo de desenvolvimento de diversas nações. Nos últimos anos, conceitos como integração, globalização e internalização permeiam uma série de mudanças sociais nas quais a interface cultura, ciência, política e educação estão profundamente implicadas. Diante de tantas mudanças referenciais, os indivíduos estão convivendo com crises e conflitos de diferentes naturezas, enfatizando mais e mais a necessidade de um envolvimento na resolução de questões sociocientíficas.

O empreendimento científico e tecnológico, além de requerer elevados níveis de investimento, depende também de um constante aporte da sociedade para sua reprodução. Este contexto configura-se alicerçado na preocupação com a formação de indivíduos preparados para enfrentarem os desafios emergentes. Mesmo com os benefícios para o bem-estar e para a melhoria da vida das pessoas, um certo desconforto se faz presente na sociedade em geral, especialmente sobre as consequências na aplicação do conhecimento científico, como é o caso da mudança climática e dos alimentos transgênicos.

Esse aspecto relaciona-se com o aumento da compreensão de que, apesar da ciência ter produzido, nos últimos séculos, algumas certezas, trouxe a consciência de que seu produto também é um conhecimento provisório, uma vez que o fazer científico é um processo colaborativo e em constante construção.

Essa não é uma questão recente. Beck (1997) argumentava que estamos em uma “sociedade de risco” e como bem acrescentava Giddens (1997, p.220), riscos esses associados à “fabricação de incerteza”, ou seja, “muitas das incertezas com que nos defrontamos hoje foram criadas pelo próprio desenvolvimento do conhecimento humano”. A aparente contradição – avanço científico e tecnológico e fabricação de incerteza – pode ser vista pelo avanço extraordinário dos meios

de comunicação, que têm possibilitado o aporte contínuo de informações à sociedade sobre temas e pesquisas científicas, enfatizando, muitas vezes, o sensacionalismo. Não só as mídias tradicionais, mas especialmente a internet possibilitou que qualquer pessoa divulgue suas teorias e convicções sem respaldo factual e científico.

A pesquisa *A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros: percepção pública da C&T no Brasil – 2015* confirma que para a maioria dos brasileiros os principais meios de informação sobre C&T são programas de TV, internet ou redes sociais, o que caracteriza obter informações em meios nem sempre confiáveis (CGEE, 2017).

Nesse contexto de desinformação, a questão dos níveis de cultura e de alfabetismo científico demandados para a inserção na sociedade contemporânea ganha relevância como meta de políticas públicas para o exercício da cidadania. Elas devem enfatizar o valor da cultura científica em termos do desenvolvimento social, favorecendo a apropriação dos conhecimentos científicos relevantes pelos indivíduos, possibilitando, assim, seu papel ativo nos debates sociocientíficos. Esta é, inclusive, uma demanda dos brasileiros, que entendem que a população deve ser ouvida nas grandes decisões dos rumos da ciência e tecnologia (CGEE, 2017).

Essa é uma questão que se reflete no cenário cultural brasileiro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) no ano de 2010, no país existiam 3.095 museus (INSTITUTO..., 2011). O crescimento da oferta de museus é expressivo, visto que aumentou de 15% em 1999 para 25% em 2012, com presença em 1.390 municípios (IBGE, 2012). O quantitativo de museus e centros de ciência, em particular, reflete também este aumento, a partir da década de 1990. Em 2015, o número de instituições atingiu a marca de 268, o que representa um aumento de 44,4% nos últimos 10 anos (MASSARANI, 2015).

Apesar disso, estudos recentes apontam para a não apropriação desses espaços por uma parcela considerável da população: apenas 12,3% da população brasileira declarou visitar museus de ciência e tecnologia e 17% dos entrevistados informaram ter visitado museus de arte, segundo enquête nacional realizada em 2015 (CGEE, 2017).

Especificamente na cidade do Rio de Janeiro, um estudo realizado no ano de 2013 promoveu um diagnóstico dos hábitos culturais dos habitantes do município. Os dados revelam que 41% dos participantes têm interesse em visitar museus e 34% frequentam estas instituições. Embora

estes dados sejam relevantes em termos brasileiros¹, a pesquisa mostra, entretanto, que das 20 práticas culturais estudadas, a ida a museus é a décima segunda mais realizada pelos cariocas. O percentual dos cariocas que visitam museus (31%) foi ainda menor em 2015 (PERFIL..., 2015) do que aquele obtido em 2013 (34%). O estudo aponta, também, que 25% dos cariocas nunca visitaram esse tipo de instituição (HÁBITOS..., 2013).

Os dados mencionados acima demonstram que ainda existe um caminho a percorrer para ampliar o acesso da população à cultura em geral e à cultura científica em particular, por meio da ida a museus, favorecendo a aprendizagem ao longo da vida. Isto aumenta a responsabilidade do Estado em fornecer instâncias de conhecimento e oportunizar ao cidadão possibilidades de atualização cultural. Neste contexto, espaços de educação não formal vêm ganhando destaque na elaboração das políticas nacionais de educação, divulgação da ciência e cultura, entre as quais a Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2017)².

Os museus e centros de ciência evidenciam-se não só pelas oportunidades diferenciadas de aprendizagem lúdica e motivadora e também pelo compromisso com a qualidade e fidedignidade do conhecimento científico disponibilizado ao público. Por esta razão, é importante o desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre os seus diferentes visitantes, suas experiências e os impactos decorrentes na sociedade. Os resultados destes estudos são estratégicos para o constante aprimoramento das ações museais e contribuem para uma maior estruturação na área museológica e nos debates sobre a cultura científica como determinante social da saúde e do desenvolvimento científico e tecnológico do país.

O Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia (OMCC&T) é uma ação colaborativa interinstitucional formada por uma rede de produção, discussão, reflexão e divulgação de conhecimentos e saberes sobre as relações entre os museus de temática científica e a sociedade. Inicialmente foi formado pelos cinco museus de temática científica que participaram do Observatório de Museus e Centros Culturais nas rodadas de 2005 e 2009. Estas instituições, no ano

1 A frequência de visitação a museus em São Paulo é de 29%, em Salvador e Belo Horizonte é de 20% (O GLOBO, <http://oglobo.globo.com/cultura/pesquisa-mapeia-habitos-culturais-do-carioca-em-2015-19411350#ixzz4lpw9Pw2N>).

2 A Política Nacional de Educação Museal (PNEM) visa a orientar a implementação das práticas educacionais em instituições museológicas, fortalecer a dimensão educativa em todos os espaços do museu e subsidiar a atuação dos profissionais que atuam no campo. A Política apresenta um conjunto de cinco princípios e 19 diretrizes organizadas em três eixos temáticos: gestão, profissionais, formação e pesquisa e museus e sociedade. Foi aprovada no 7º Fórum Nacional de Museus, realizado em Porto Alegre (2017). Disponível em: <https://pnm.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal1.pdf>. Acesso em: out. 2017.

de 2013, deram continuidade à pesquisa, cujos resultados consolidados destas três rodadas são apresentados nesta publicação.

Atualmente, mais quatro novos museus e centros de ciência se incorporaram ao grupo, e fazem parte da nova rodada, que está sendo realizada neste segundo semestre de 2017. Os novos integrantes da rede são: Museu do Meio Ambiente/JBRJ (Ministério do Meio Ambiente); Museu Ciência e Vida (Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro); Museu Naval (Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação - Marinha do Brasil) e Espaço Ciência Viva. O OMCC&T está aberto a novas instituições que desejarem participar desta rede e de suas pesquisas.

A presente publicação apresenta os resultados consolidados das três primeiras rodadas da pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes.

A PESQUISA

O OMCC&T vem produzindo e compartilhando conhecimentos e saberes sobre a educação, divulgação e popularização da ciência em museus, buscando identificar os processos e os contextos promotores de acesso a estas instituições para variados segmentos sociais. Dessa forma, busca produzir conhecimento capaz de contribuir para a formulação de ações e políticas, projetos e/ou programas educacionais e comunicacionais que possam ampliar a qualidade da experiência museal do público de visitaçãõ espontânea, a promoção da acessibilidade e de práticas culturalmente inclusivas nas instituições museológicas.

A Pesquisa Museus de Ciência e Seus Visitantes: Estudo Longitudinal 2005, 2009, 2013, apresentada nesta publicação, levantou e acompanhou o desenvolvimento do perfil e da opinião de 6.154 visitantes das cinco instituições participantes do OMCC&T, todas elas situadas na cidade do Rio de Janeiro.

Participantes da pesquisa

Os museus que participaram das três rodadas e cujos dados compõem as análises apresentadas neste estudo são:



Museu Aeroespacial

Ministério da Defesa/Força Aérea Brasileira



A ideia de um Museu Aeronáutico (MUSAL) data de 1943, quando o então Ministro, Dr. Salgado Filho, determinou sua organização, sendo o trabalho inicial e posteriores tentativas interrompidos por falta de local disponível.

O Núcleo do Museu Aeroespacial foi criado em 31 de julho de 1973, através do Decreto nº 72.553. Em janeiro de 1974, iniciam-se os trabalhos de restauração do prédio e hangares (antiga Divisão de Instrução de Voo da Escola de Aeronáutica), simultaneamente à coleta de acervo, restauração de aviões, motores, armas e outras peças de valor histórico.

O Musal foi inaugurado em 18 de outubro de 1976. A importância dessa criação deve-se à necessidade de preservação e divulgação do material aeronáutico e documentos históricos para as futuras gerações. Situado no Campo dos Afonsos, “Berço da Aviação Militar”, atualmente o Museu Aeroespacial integra o Campus da Universidade da Força Aérea – UNIFA e está subordinado administrativamente ao Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica - INCAER, desde 1986.



Museu da Vida

Ministério da Saúde, Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz



Situado no campus da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, o Museu da Vida foi inaugurado em 1999 e, desde então, vem atendendo em especial a população da região em seu entorno próximo e médio e a da baixada fluminense, em visitas agendadas durante a semana e livres aos sábados, feriados e período de férias escolares.

Por ser vinculado à Fiocruz, assume características únicas, refletindo a cultura, a missão e o compromisso social da instituição. Seus temas centrais são a vida, enquanto objeto do conhecimento, a saúde como qualidade de vida e a intervenção do homem sobre a vida.



Museu de Astronomia e Ciências Afins

Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações



O Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) foi criado na cidade do Rio de Janeiro no dia 8 de março de 1985. Tem como missão ampliar o acesso da sociedade ao conhecimento científico e tecnológico por meio da pesquisa, preservação de acervos, divulgação e história da ciência e da tecnologia no Brasil. Os pesquisadores e tecnólogos do MAST realizam estudos nas áreas da educação não formal em ciências, museologia e patrimônio da ciência e tecnologia e história da ciência. Há também pesquisas aplicadas nas áreas da divulgação da ciência, preservação e restauração de objetos metálicos e papel e tecnologia da informação.



Museu do Universo / Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro



A Fundação Planetário é um órgão vinculado à Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e desde a sua inauguração, em 19 de novembro de 1970, desenvolve projetos e pesquisas de educação e divulgação científica e tecnológica na área de astronomia e ciências. A instituição possui variadas e extensas atividades dirigidas a todas as faixas etárias. Tem o público escolar como sua principal audiência e nos finais de semana, feriados e férias as atividades são oferecidas ao público de visitação espontânea. A programação hoje está dividida em suas duas unidades, nos bairros da Gávea e Santa Cruz, com suas três cúpulas de planetário, o Museu do Universo e várias exposições.



Museu Nacional

Ministério da Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro



Criado por D. João VI em 6 de junho de 1818, é a primeira instituição museológica e de pesquisa científica do Brasil. Voltado para a pesquisa, educação e extensão, o Museu Nacional integra a estrutura da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1946. Com cerca de 20 milhões de itens em suas coleções, abriga exposições de um dos maiores acervos de Ciências Naturais e Antropológicas da América Latina. Ocupa desde 1892 o antigo Paço de São Cristóvão, que foi residência da família imperial brasileira até 1889. Localizado no Parque da Quinta da Boa Vista, um dos mais populares da cidade do Rio, o Museu Nacional recebe aproximadamente 200 mil visitantes por ano.

Aspectos metodológicos

A pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes (Estudo Longitudinal Perfil - Opinião) é a primeira de seu tipo em curso no Brasil. Foram quase 14 anos - entre o planejamento, a execução e análise - para produzir uma base longitudinal (rodadas 2005, 2009 e 2013) com dados da circunstância da visita, opinião sobre o museu, hábitos culturais e perfil sociodemográfico e econômico do público de visitação espontânea de cinco museus de ciência e tecnologia situados na cidade do Rio de Janeiro.

Entre os fatores que contribuíram para o bom termo deste empreendimento destacam-se: a colaboração interinstitucional e o apoio financeiro. As duas primeiras rodadas da pesquisa foram realizadas pelo OMCC, com recursos financeiros da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz/Ministério da Saúde, Departamento de Museus e Centros Culturais/Iphan/Ministério da Cultura e apoio técnico da Escola Nacional de Ciências Estatísticas/IBGE. A terceira, sob a responsabilidade do OMCC&T, foi subsidiada por recursos das instituições participantes.

De modo geral, os estudos de público brasileiros são *surveys* seccionais. Em um dado momento se promove um levantamento de informações sobre o perfil sociodemográfico do visitante, a diversidade de visitas e a sua impressão sobre os museus. É um instantâneo que permite responder perguntas sobre médias, diferenças de médias e sobre a variabilidade intramuseus. A importância deste tipo de enquete é ressaltada na literatura:

As enquetes quantitativas são instrumentos úteis, mas evidentemente têm também limitações. Elas fornecem um quadro instantâneo e, portanto, transitório em muitos aspectos, além de acolherem percepções vagas e genéricas. Essas limitações podem ser reduzidas por meio da realização de uma série histórica de enquetes, o que pode permitir uma visão longitudinal (CGEE, 2017).

Uma pesquisa de desenho longitudinal é como se fosse uma sequência de levantamentos seccionais. Ela permite investigar as diferenças ou evolução no tempo das médias e determinar a significância dessas diferenças. E ainda permite responder perguntas sobre a variabilidade de todas as características aferidas sobre o público de forma periódica e sistemática.

A pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes, mesmo sendo de abordagem quantitativa, teve a inserção de uma pergunta aberta no seu questionário com o objetivo de permitir aos informantes um espaço para a expressão de suas sugestões e comentários. Esta análise qualitativa será objeto de um estudo futuro.

Procedimentos da pesquisa

Para garantir a uniformidade de aplicação dos questionários durante o trabalho de coleta de dados pelos aplicadores foi elaborado um Caderno com informações sobre a Pesquisa, visando avaliar a comparabilidade entre os dados recebidos de cada instituição participante.

A capacitação dos pesquisadores foi feita a partir do Caderno, que abordou cinco pontos: Apresentação da pesquisa (sujeitos, amostragem, representatividade, período, local); Distribuição dos questionários (preenchimento prévio, escolha aleatória, informação e conforto do sujeito respondente); Apoio durante o preenchimento; Recolhimento; Acompanhamento semanal (verificar as metas quantitativas semanais, codificação e preenchimento da folha de controle dos questionários).

Segundo a orientação, a aplicação da pesquisa nas Instituições participantes deveria ter sinalização e organização para o acolhimento do respondente em potencial; prever um espaço com cadeiras, mesas ou pranchetas e canetas, oferecendo condições mínimas de conforto para preencher o questionário. A situação ideal seria poder dispor de água e café, bem como poder oferecer um brinde ao visitante que participasse da pesquisa.

Desenho e validação do questionário

A rodada 2013 segue o protocolo desenvolvido pelo OMCC, dando continuidade às informações contidas nas etapas anteriores, que se fundamentaram na experiência do Observatoire Permanent des Publiques, de Lucien Mironer.

O questionário é composto de 31 questões, separadas em quatro blocos de perguntas fechadas, semiabertas e uma aberta para registro de comentários e sugestões dos visitantes. Os blocos temáticos são: Bloco 1 –Antecedentes e Circunstâncias da Visita; Bloco 2 –Conhecendo sua Opinião sobre o Museu; Bloco 3 –Conhecendo seus Hábitos de Visita a Museus e Centros Culturais; e Bloco 4 –Conhecendo Você. As categorias utilizadas nas pesquisas socioeconômicas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE serviram de base para a elaboração do bloco referente ao perfil sociodemográfico, cultural e econômico dos visitantes.

O questionário passou por pequenas alterações ao longo das rodadas, elaboradas a partir da experiência, buscando o seu aprimoramento, sem comprometer, entretanto, o potencial de comparabilidade dos dados. O instrumento foi elaborado com linguagem acessível e uma diagra-

mação amigável para que o respondente pudesse preenchê-lo de maneira autônoma. Segundo o protocolo, a devolução do questionário é feita em uma urna, para favorecer a confidencialidade das informações. Estas e demais condutas relacionadas a sua aplicação estão definidas no Caderno de Campo, que define as normas e formas de conduta para a realização da coleta de dados em cada instituição participante do OMCC&T.

A amostra da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são pessoas com 15 anos de idade ou mais, em visita não programada ou agendada. Entretanto, estudantes em visita não agendada pela escola podem responder ao questionário. As famílias, membros de grupos turísticos, de associações ou outros que estejam na faixa etária considerada, também fazem parte da pesquisa.

As amostras das três rodadas foram estipuladas por abordagem probabilística, com seleção sistemática (intervalo de cinco em cinco visitantes e início aleatório). Entretanto, alguns museus adotaram uma amostra censitária após constatarem uma visitação menor que a esperada no período programado para a realização da pesquisa. O tamanho da amostra foi definido a partir do cálculo da média anual de visitantes, garantindo uma margem de erro de 5%.

No total das três amostras, obtivemos 6.154 questionários válidos. As condições de realização das diferentes rodadas variaram de acordo com as possibilidades institucionais dos museus envolvidos, no entanto, foram mantidos os referenciais metodológicos acordados (Tabela 1).

Tabela 1: Distribuição da amostra por ano de coleta de dados e museu participante

Instituição	Ano			Total
	2005	2009	2013	
Museu Aeroespacial	349	557	176	1082
Museu da Vida	266	350	391	1007
Museu de Astronomia	428	642	623	1693
Museu do Universo/Planetário	380	457	214	1051
Museu Nacional	331	585	405	1321
Total	1754	2591	1809	6154

Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

Os dados foram tabulados no software Microsoft Excel® e processados por meio do software IBM SPSS Statistics®. A análise dos resultados foi realizada em conjunto e apresentam os números absolutos das respostas e seus percentuais. Foi escolhido apresentar os percentuais sem casas decimais para permitir melhor leitura dos gráficos, o que ocasionou a necessidade de se fazer algumas aproximações.

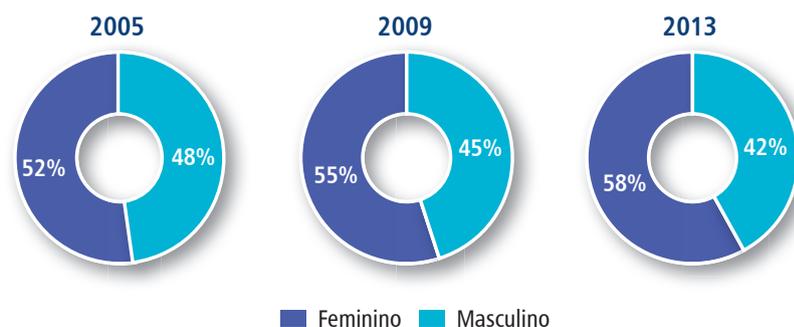
APRESENTANDO A PESQUISA

Conhecendo os participantes

Segundo o sexo

No levantamento do perfil sociodemográfico, a presença feminina é a mais notada entre os respondentes. Ao longo das três rodadas da pesquisa OMCC&T, ela é predominante e apresenta crescimento (52% em 2005; 55% em 2009; 58% em 2013).

Gráfico 1: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o sexo declarado
(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.722; 2009, n=2.591; 2013, n=1.788)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

Esses dados acima não refletem os encontrados na pesquisa Perfil Cultural dos Cariocas - 2015³. Este estudo aponta para uma presença menor das cariocas nos museus, ao passo que 29% das mulheres dizem que vão a museus e centros de cultura, enquanto 33% dos homens dizem o mesmo. Contudo, é interessante destacar outros resultados apresentados pelo mesmo estudo. Apesar de informarem visitar menos museus que os homens, as mulheres demonstram mais interesse pela prática (42%) e a rejeitam menos (37%), enquanto eles revelam menor interesse (34%) e maior rejeição à visitação a museus (42%).

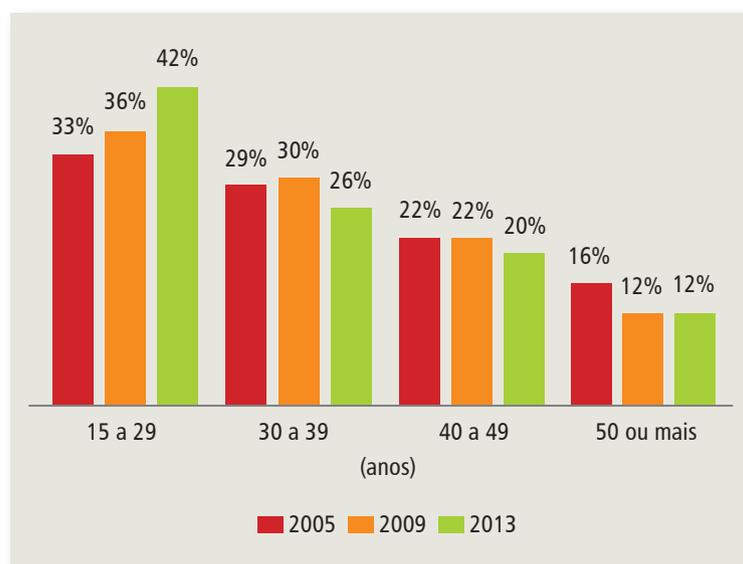
3 A pesquisa foi realizada em 2015, no período entre 21 de janeiro e 6 de fevereiro, com 1.537 pessoas acima de 12 anos.

Segundo a faixa etária

Em relação aos grupos etários, a pesquisa OMCC&T indica que a faixa que agrupa pessoas com idades entre 15 e 29 anos⁴ é a mais frequente, com aumento significativo em 2013. Essa faixa etária é seguida pelas faixas de 30 a 39 e de 40 a 49 anos. A presença de visitantes da faixa acima dos 50 anos é a menor em todos os anos estudados, e a frequência de visitantes mais velhos sofreu queda ao longo do tempo, de acordo com o Gráfico 2.

Gráfico 2: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a faixa etária declarada

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.722; 2009, n=2.570; 2013, n=1.775)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

A frequência de visitantes da faixa etária mais jovem é consistente com as informações da pesquisa Percepção pública da C&T no Brasil - 2015, embora haja diferença na definição das faixas etárias. Houve também o decréscimo de visita do grupo de mais idade. Ainda de acordo com esta pesquisa, 51% dos entrevistados com 55 anos ou mais têm interesse em C&T, entretanto, quanto mais jovens (16 a 17 anos - 71%), maior o interesse demonstrado. Quando o tema se refere à medicina e saúde, quanto menor a idade, menor o interesse: entre 16 e 17 anos (65%), entre 18 e 24 anos (69%). Acima de 55 anos o interesse aumenta para 82%.

4 Conforme a definição demográfica de organismos internacionais, considera-se como jovem a faixa de 15 a 24 anos. Entretanto, em extratos sociais médios e altos urbanizados, o limite da faixa etária que caracteriza o jovem é ampliado para incluir o grupo de 25 a 29 anos.

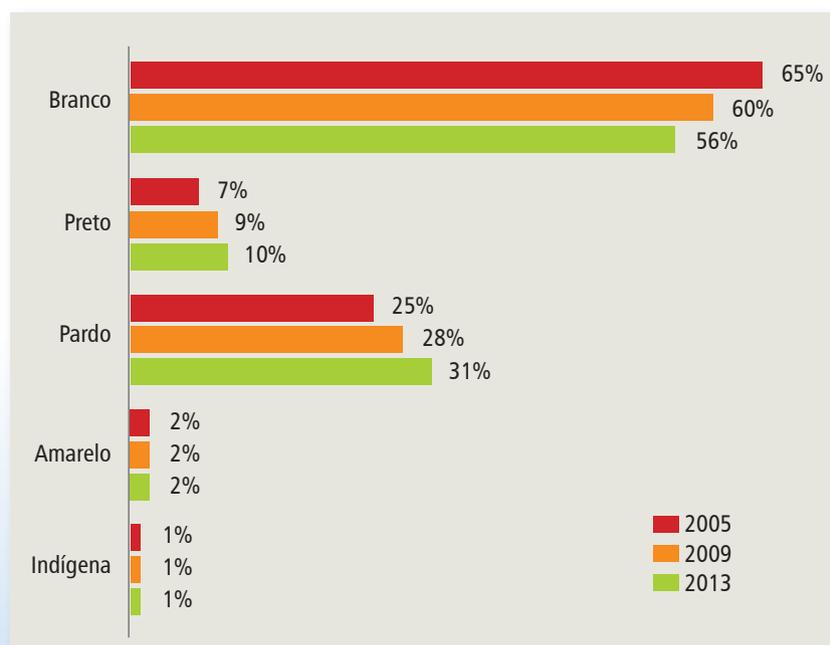
A pesquisa Perfil Cultural dos Cariocas - 2015, também aponta para a baixa presença de indivíduos com mais idade nos museus. Entre os cariocas com mais de 60 anos entrevistados, 20% afirmam visitar as referidas instituições e, entre os que têm entre 45 a 59 anos, o percentual é apenas um pouco maior, 23%. Em contrapartida, os mais jovens afirmam ir mais a museus. Os que mais dizem visitar museus são os que têm de 25 a 34 anos (40%), seguidos bem de perto pelos que se encontram na faixa de 12 a 15 anos (39%), depois pelos que têm de 16 a 24 anos (37%) e por aqueles de 35 a 44 anos (33%).

Segundo cor/raça

Ao longo das três rodadas da pesquisa OMCC&T, seguindo a classificação do IBGE sobre cor/raça, a maior parte dos visitantes considerados no estudo se autodeclararam brancos. No entanto, é importante assinalar a queda neste percentual: de 65% em 2005 para 56% em 2013, e o crescimento dos grupos que se intitulam pardo e preto, respectivamente. Os grupos amarelo e indígena se apresentam minoritários e em proporção constante ao longo do estudo.

Gráfico 3: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a cor/raça declarada

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.681; 2009, n=2.551; 2013, n=1.768)



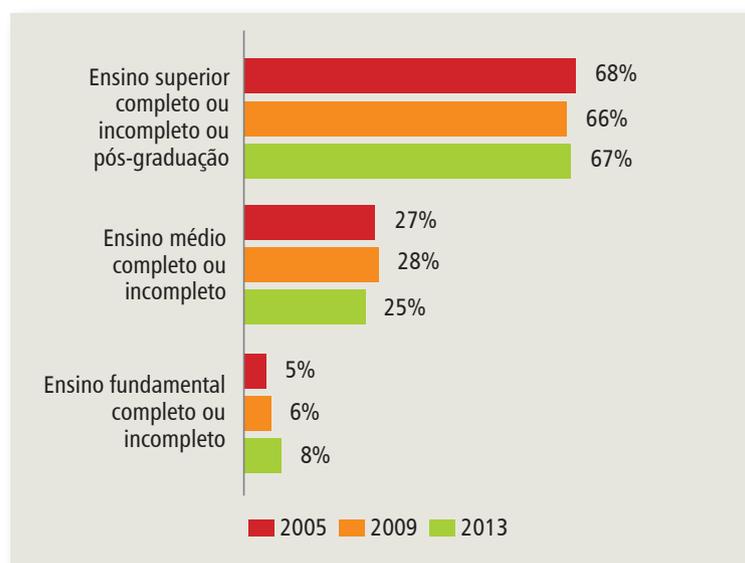
Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

Segundo a escolaridade

O grau de escolaridade registrado é alto em todos os anos. Conforme apresentado no Gráfico 4, o respondente com acesso à universidade é o mais frequente, com percentuais em torno de 67%, sendo que destes, 19% são pós-graduados. Os que declaram ter ou estar cursando o Ensino Médio apresentam um percentual em torno de 27% e entre 5% e 8% cursaram ou estão cursando o Ensino Fundamental. Consta-se que o nível de escolaridade predominante permanece com um padrão elevado e constante ao longo dos anos pesquisados.

Gráfico 4: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o nível de escolaridade declarado

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.732; 2009, n=2.572; 2013, n=1.784)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

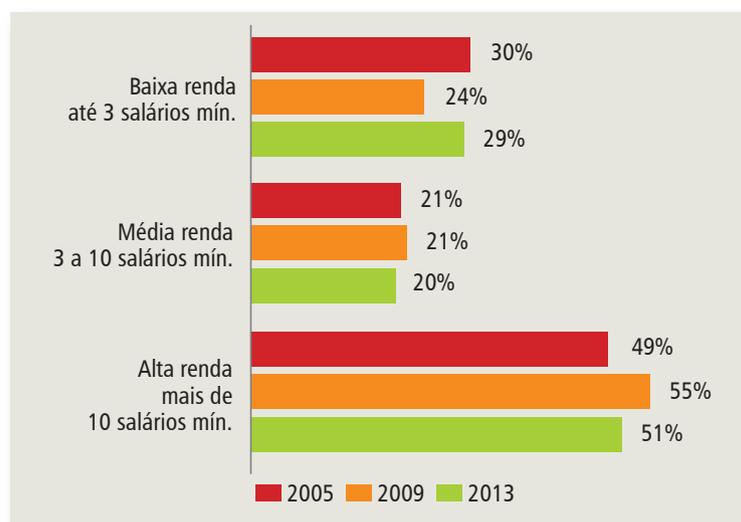
O nível elevado de escolaridade como uma das principais características dos visitantes dos museus também foi verificado por outros estudos. O levantamento acerca do perfil cultural dos cariocas aponta que os com maior escolaridade dizem ir mais a museus do que aqueles que não possuem nível superior. Mais da metade daqueles que possuem ensino superior (57%) dizem visitar museus, enquanto o percentual entre os que possuem o Ensino Médio é de 28% e apenas 16% entre os que possuem o Ensino Fundamental. A pesquisa que investigou a percepção dos brasileiros acerca da C&T indica que entre aqueles que declaram ter visitado algum museu ou centro de ciência e tecnologia, 28% possuem o Ensino Superior completo.

Segundo a renda declarada

A renda domiciliar mensal dos visitantes é coerente com o padrão escolar mais alto: cerca de 50% dos respondentes nas três rodadas da pesquisa declaram renda superior a 10 salários mínimos, seguido do grupo classificado como de baixa renda (até 3 salários mínimos).

Gráfico 5: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a faixa de renda declarada

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.488; 2009, n=2.197; 2013, n=1.523)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

A enquete nacional acerca da percepção dos brasileiros sobre C&T também verifica que aqueles que possuem renda alta vão mais a museus de ciência. Entre aqueles que possuem renda superior a 10 salários mínimos, 38% informam visitar museus da referida tipologia, e entre os que possuem renda média (de 2 a 10 salários mínimos) o percentual é de 34%. Apenas 10% dos brasileiros que possuem baixa renda (até 2 salários mínimos) informam visitar museus de ciência.

Embora, a frequência de visitantes de renda elevada esteja de acordo com as demais pesquisas, no nosso estudo observa-se uma frequência maior de visitantes de baixa renda. Tal resultado pode ser consequência das ações de inclusão social desenvolvidas pelos museus de ciência para as comunidades situadas na sua vizinhança.

No contexto da cidade do Rio de Janeiro, também se verifica uma frequência maior, 44%, entre aqueles que possuem renda elevada (classes A e B). Enquanto 44% dos representantes deste segmento informam visitar museus, segundo o estudo acerca da prática cultural dos cariocas, o percentual diminui para 23% entre os que possuem renda média (classe C) e passa a ser de apenas 10% entre os que possuem renda baixa (classes D e E). Observa-se, portanto, que na medida em que a renda diminui também diminui a visita a museus.

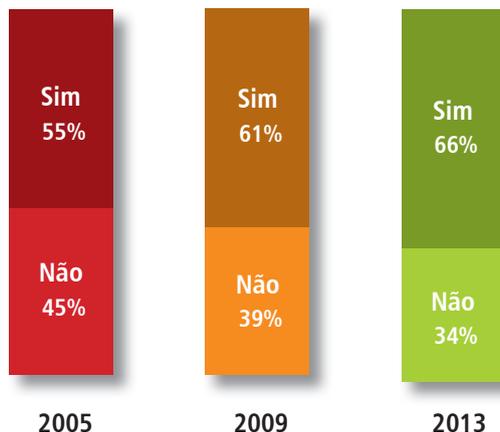
ANTECEDENTES DA VISITA

Primeira visita ao museu?

Ao longo dos anos o percentual de respondentes que declaram estar realizando sua primeira visita aos museus estudados aumentou de 55% (2005) para 61% (2009), passando a 66% (2013).

Gráfico 6: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa que declaram visitar o museu pela primeira vez

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.754; 2009, n=2.563; 2013, n=1.739)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

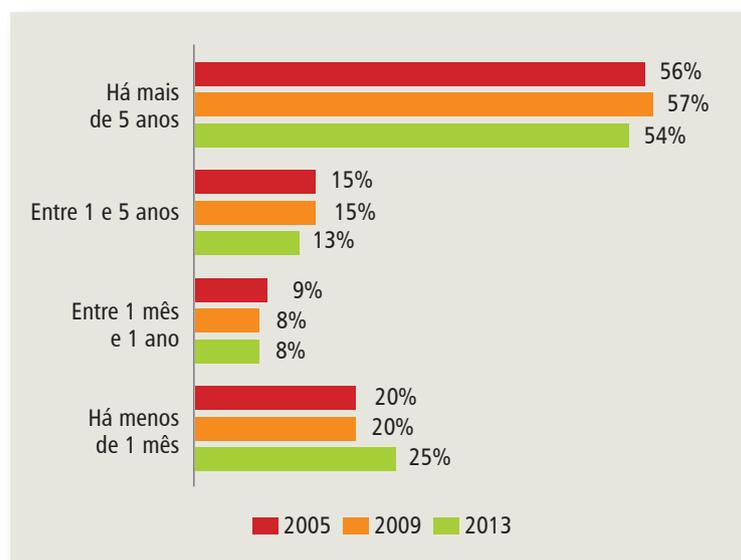
Tais dados se coadunam com os obtidos por outros estudos (MORTARA, 2003, MIRONER, 2002) e ajudam a confirmar que a visita a museus se caracteriza como uma prática relacionada à exploração de novos espaços e à busca por novidades. Simultaneamente, também revelam que não há uma fidelização dos visitantes, uma vez que apenas um número cada vez menor destes retorna aos museus após a primeira visita.

Tempo de conhecimento do museu visitado

Mais de 50% dos pesquisados declaram conhecer a instituição há mais de cinco anos nas três rodadas. Chama a atenção que o percentual informado nas demais categorias de resposta apresenta uma frequência semelhante em todos os anos da pesquisa.

Gráfico 7: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o tempo de conhecimento da existência do museu

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.726; 2009, n=2.573; 2013, n=1.786)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

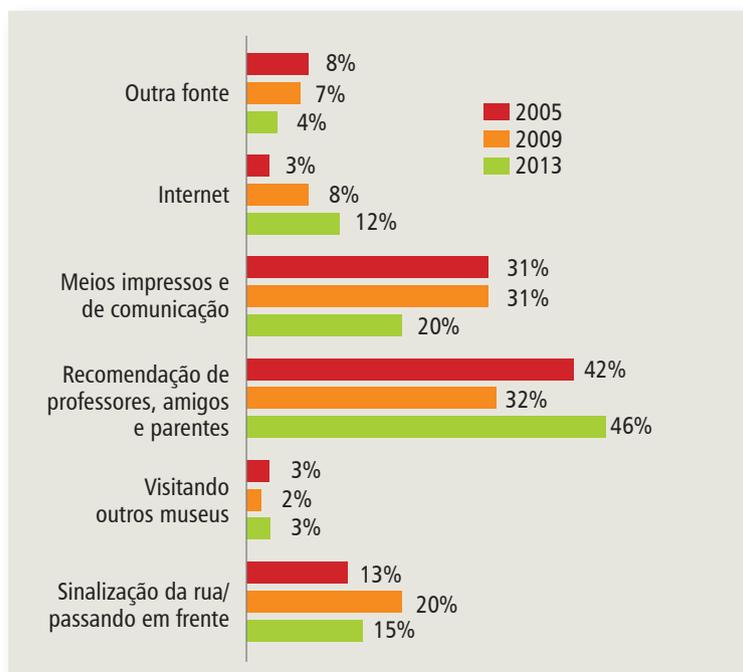
A notoriedade de instituições culturais levantada pela pesquisa Perfil Cultural dos Cariocas varia segundo o equipamento cultural. O Planetário da Gávea é a única instituição investigada em ambas as pesquisas, e, na que estudou as práticas culturais dos moradores da cidade do Rio de Janeiro, é o museu que apresenta o índice mais elevado, tendo 76% dos pesquisados informado conhecer a instituição e 39% dito já tê-la visitado. Porém, este resultado pode estar relacionado com a sua localização, uma vez que o Planetário está situado na zona sul da cidade, na Gávea, um dos bairros com maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade do Rio de Janeiro.

Fonte de informação sobre o museu

O principal meio informado sobre a forma de conhecimento da instituição é a recomendação (professores, amigos e familiares). No ano de 2009, os meios impressos e de comunicação (31%), a segunda fonte mais citada ao longo de todos os anos, obteve quase o mesmo percentual de citação que o boca a boca. A internet como fonte de informação sobre os museus apresenta um crescimento considerável no período entre 2005 e 2013, passando de 3% a 12% de menções. Os dados apresentados confirmam o boca a boca como o principal canal de divulgação dos museus estudados. Este resultado aponta para uma divulgação insuficiente destes equipamentos culturais e para a necessidade de adoção de estratégias mais eficientes (ou agressivas) de divulgação de suas atrações culturais.

Gráfico 8: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a fonte de informação sobre a existência do museu

(Total consolidado dos cinco museus -respostas múltiplas: 2005, n=2.158; 2009, n=3.615; 2013, n=2.819)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

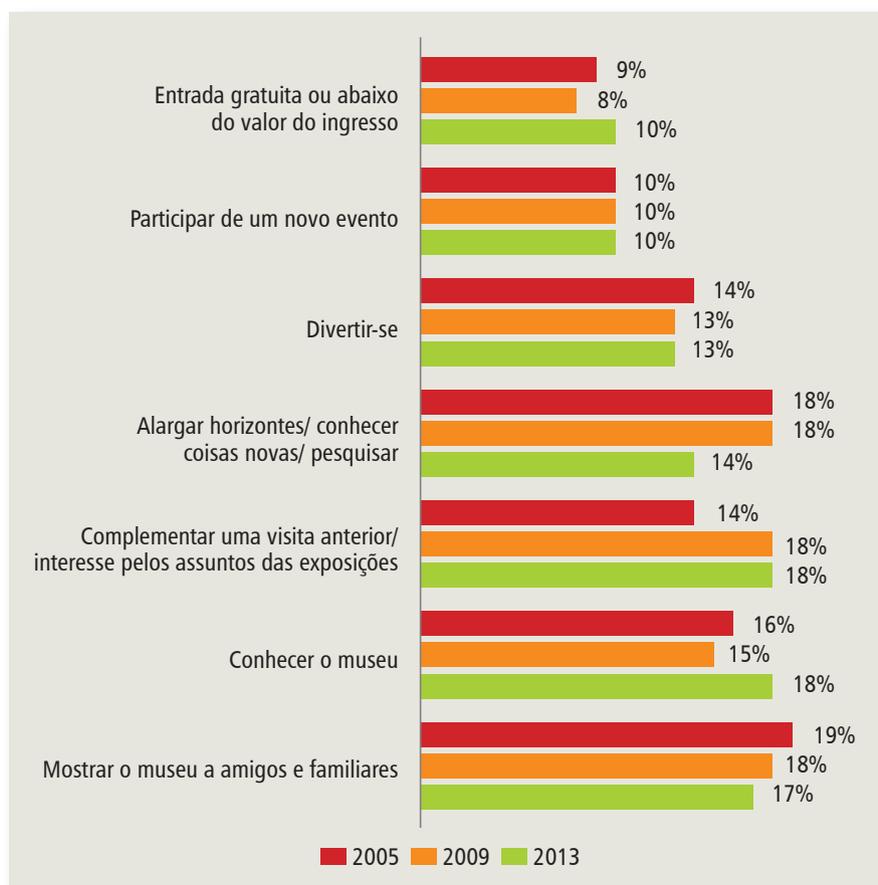
Interessante notar que o levantamento de 2015 que verifica o perfil cultural dos residentes na cidade do Rio de Janeiro também identificou o boca a boca como sendo a principal fonte de informação sobre cultura utilizada pelos participantes desta pesquisa, tendo sido a referida fonte citada por 46% deles. Um resultado importante desta pesquisa é a identificação da relevância do meio digital como fonte de informação sobre cultura, ao passo que foi o segundo meio mais citado pelos investigados (42%), ficando à frente da televisão, com 40%. Entre os que citaram o meio digital, 30% informam receber informações sobre cultura pelas redes sociais. Nesse contexto predominam a divulgação do evento nas redes e, também nesse meio, observa-se a relevância da recomendação de amigos, o que se caracteriza como um boca a boca digital. Chama a atenção o baixo índice de cariocas que informam buscar informações de cultura por meio de pesquisas na internet (14%) e que dizem acessar os sites dos museus. Apenas 18% informam fazê-lo.

Motivos da visita

Os motivos mais citados para a visita ao museu são: conhecer o museu e mostrá-lo a amigos e familiares; complementar ou aprofundar uma visita anterior e alargar horizontes, conhecendo novidades e divertir-se. Ver um novo evento (exposição ou assistir a um espetáculo) e entrada gratuita ou baixo valor de ingresso apresentam um percentual em torno de 10%, respectivamente.

Gráfico 9: Percentual entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o motivo declarado para a visita

(Total consolidado dos cinco museus - respostas múltiplas: 2005, n=7.767; 2009, n=11.540; 2013, n=7.439)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

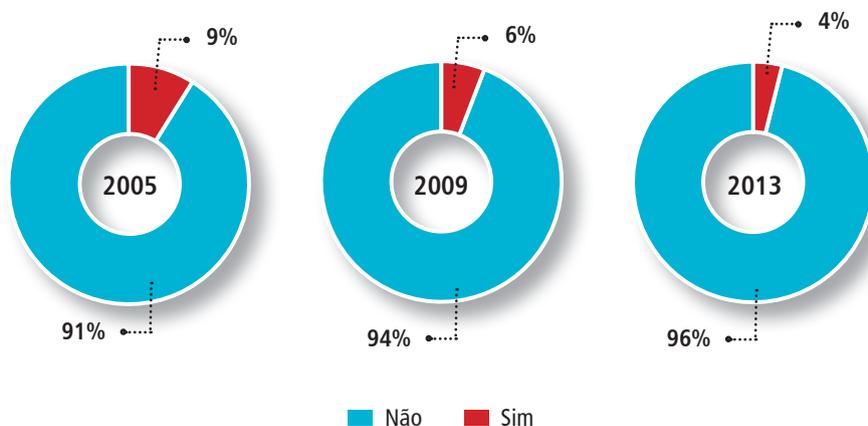
Os motivos acima indicados refletem a busca de um aperfeiçoamento cultural, o interesse pelas temáticas desenvolvidas nas exposições e a procura por lazer cultural. A dimensão social da ida ao museu é enfatizada. Conhecer o museu parece ser um motivo legítimo e coerente para novos visitantes, como é o caso da maioria dos informantes. O reconhecimento do museu como um espaço de lazer e diversão é também digno de destaque na medida em que estas instituições se propõem a oferecer experiências lúdicas e prazerosas, dirigidas para despertar emoções positivas como interesse e curiosidade em relação aos temas de ciência e tecnologia em seus visitantes.

Contexto social da visita

Quanto ao contexto, constata-se que quase a totalidade dos respondentes a realizaram na companhia de uma ou mais pessoas, o que confirma a visita a museus como uma prática de sociabilidade.

Gráfico 10: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa que visitam o museu desacompanhados

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.732; 2009, n=2.571; 2013, n=1.809)

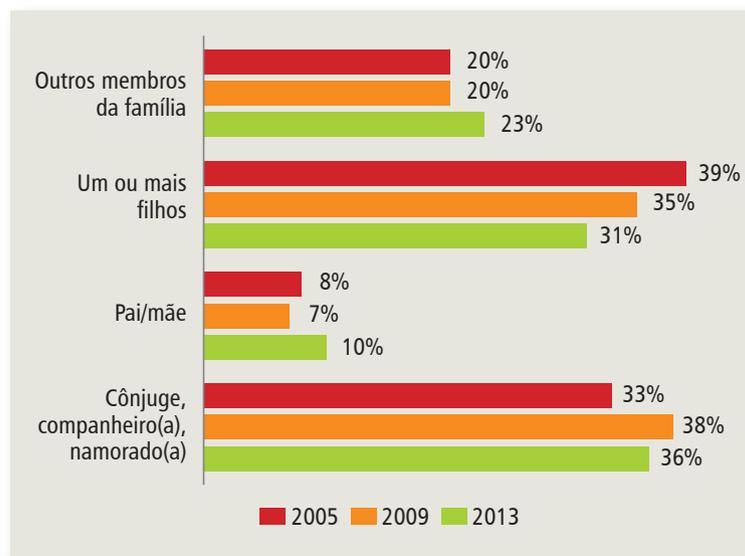


Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

A visita a museus em grupo familiar é uma prática comum para os respondentes.

Gráfico 11: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o tipo de acompanhante

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.438; 2009, n=2.820; 2013, n=1.858)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

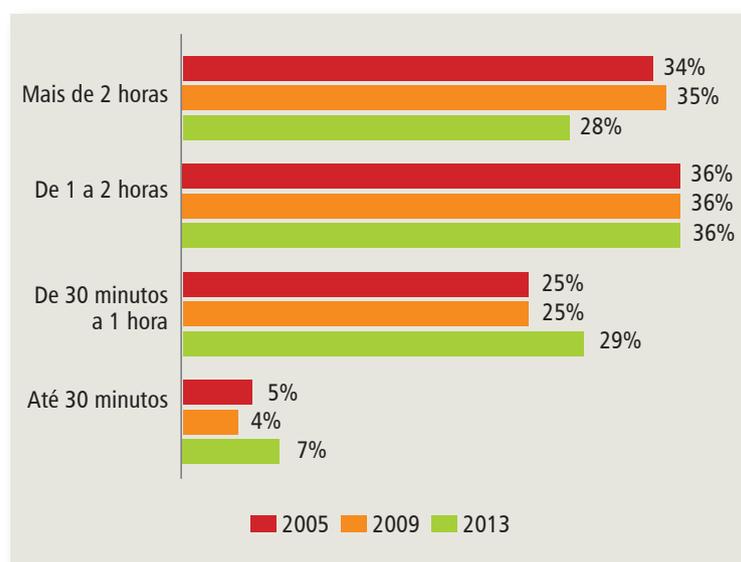
Esse resultado está de acordo com os da pesquisa Hábitos Culturais dos Cariocas - 2013 que mostram que os moradores da cidade do Rio de Janeiro atribuem papel importante à família no que diz respeito à formação do gosto cultural. Os pais são aqueles que mais exercem influência sobre o gosto cultural dos entrevistados (35%); seguido por amigos (27%); familiares e parentes (23%) e namorado/a ou cônjuge (14%). Professores aparecem em quinto lugar, tendo sido citados por apenas 8% dos entrevistados, ficando à frente de filhos (7%) e igreja (4%).

Tempo de duração da visita

O intervalo de tempo de visita que vai de 1 a 2 horas, é o mais declarado e mostra uma frequência regular nas três rodadas da pesquisa (36%). O tempo de mais de 2 horas vem em segundo lugar, com valores em torno de 30% nas duas primeiras tomadas (2005 e 2009), acompanhado de uma discreta queda em 2013 (28%). As visitas curtas, de até 30 minutos, registram percentuais baixos em todos os anos da pesquisa, não ultrapassando os 7%.

Gráfico 12: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o tempo de duração da visita ao museu

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.461; 2009 n=2.164; 2013, n=1.561)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

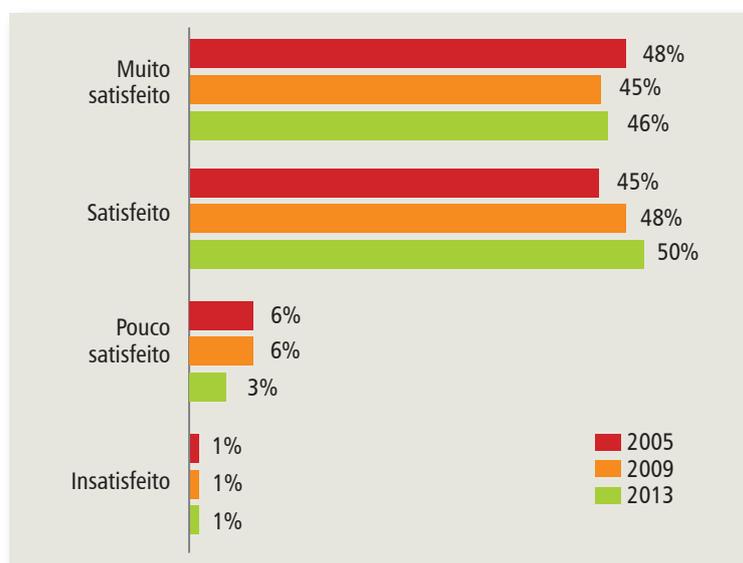
Em todos os anos estudados mais de 60% dos investigados revelam permanecer mais de uma hora no museu. Deste modo, o tempo prolongado de permanência nos museus pesquisados indica que eles têm, ao longo das três rodadas, se mostrado bem-sucedidos na sua função social de acolher e envolver seu público por meio de suas ações comunicacionais e educacionais.

GRAU DE SATISFAÇÃO, INTENÇÃO E MOTIVO DE RETORNO

O elevado nível de satisfação demonstrado pelas respostas evidencia que a experiência de visita ao museu agradou a um número expressivo de participantes da pesquisa. Nas três rodadas do estudo estas opiniões ultrapassam a frequência de 92%, com significativo equilíbrio entre as categorias Satisfeito e Muito satisfeito.

Gráfico 13: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o grau de satisfação com a visita ao museu

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.557; 2009, n=2.320; 2013, n=1.593)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

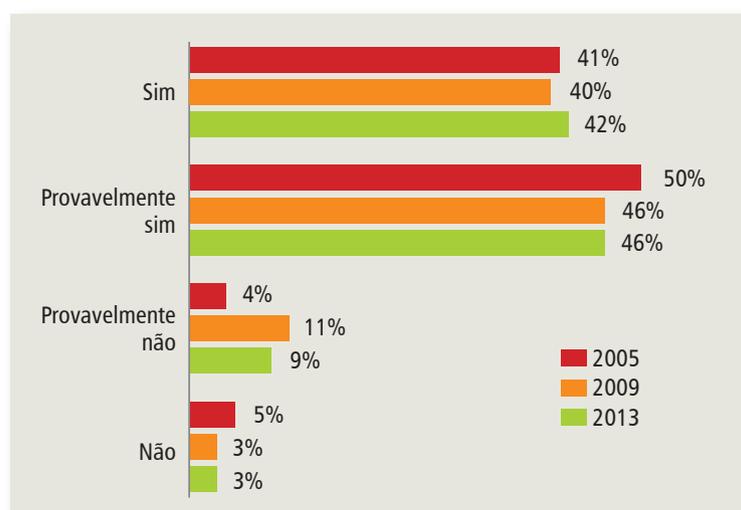
O grau de satisfação verificado pela pesquisa Perfil Cultural dos Cariocas - 2015 em relação as quatro instituições museológicas estudadas também é elevado, sendo a menor média de avaliação oito e a maior nove.

Intenção de retorno ao museu visitado

A indicação positiva sobre o grau de satisfação se mostra coerente com o demonstrado na intenção de retornar ao museu: Sim e Provavelmente sim, ultrapassam 86% das respostas, demonstrando considerável consistência ao longo do estudo. Entretanto, as estatísticas registradas de retorno dos visitantes contrariam estas afirmativas, uma vez que a frequência dos que vão pela primeira vez tem se mostrado crescente ao longo dos anos.

Gráfico 14: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a intenção de retorno ao museu, nos próximos 12 meses

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.566; 2009, n=2.442; 2013, n=1.564)



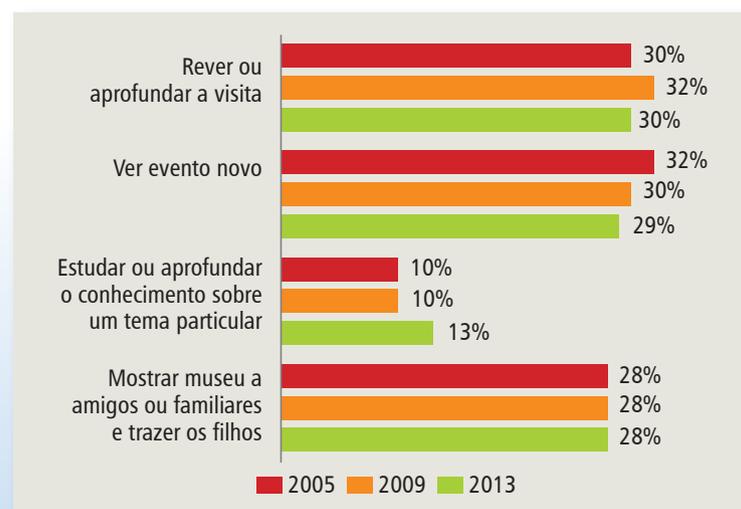
Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

Motivos alegados para o retorno ao museu visitado

Os motivos declarados para essa intenção de retorno são: rever o que mais interessou, complementar ou aprofundar a visita, ver um novo evento (exposição ou assistir a um espetáculo), estudar ou aprofundar o conhecimento sobre um tema particular e mostrar a amigos e familiares. No contexto do grupo familiar, trazer os filhos representa, nas três rodadas da pesquisa, aproximadamente 12% do motivo alegado.

Gráfico 15: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o motivo declarado para retornar ao museu nos próximos 12 meses

(Total consolidado dos cinco museus, respostas múltiplas: 2005, n=6.802; 2009, n=10.299; 2013, n=8.759)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

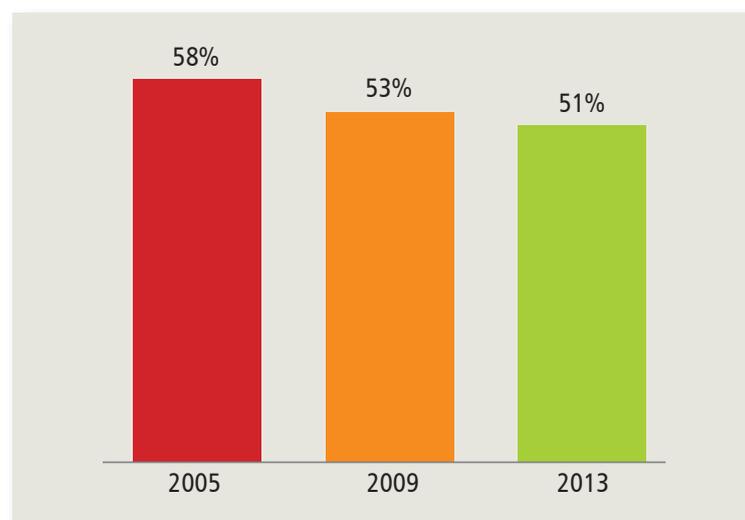
HÁBITO DE VISITAÇÃO A MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Visita a outros museus e centros culturais nos últimos 12 meses

Quanto à frequência declarada nos últimos 12 meses, ou seja, referentes ao ano anterior a cada uma das rodadas da pesquisa, mais da metade dos respondentes informam ter visitado museus e centros culturais. Os resultados mostram uma discreta queda da visitação a estas instituições por parte dos investigados ao longo dos anos, passando de 58% para 51%.

Gráfico 16: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa que declararam ter visitado outros museus ou centros culturais nos últimos 12 meses

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.593; 2009, n=2.519; 2013, n=1.098)



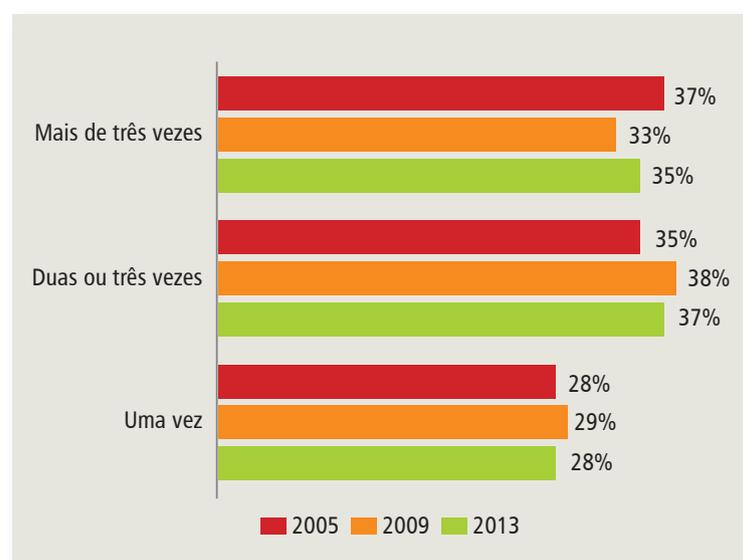
Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

Frequência de visita a museus e centros culturais nos últimos 12 meses

Chama a atenção o menor número de respostas à pergunta sobre a frequência de visita a museus ou centros culturais nos últimos 12 meses (2.986, no total das três rodadas). Este número, entretanto, é coerente, visto que a questão é contingenciada à anterior, isto é, refere-se somente aos respondentes que afirmam ter visitado estas instituições nos últimos 12 meses. As respostas relativas a cada opção apresentada apontam para a existência de um padrão de frequência a estas instituições.

Gráfico 17: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a frequência de visita a museus ou centros culturais nos últimos 12 meses

(Total consolidado dos cinco museus: 2005, n=1.028; 2009, n=1.313; 2013, n=1.008)



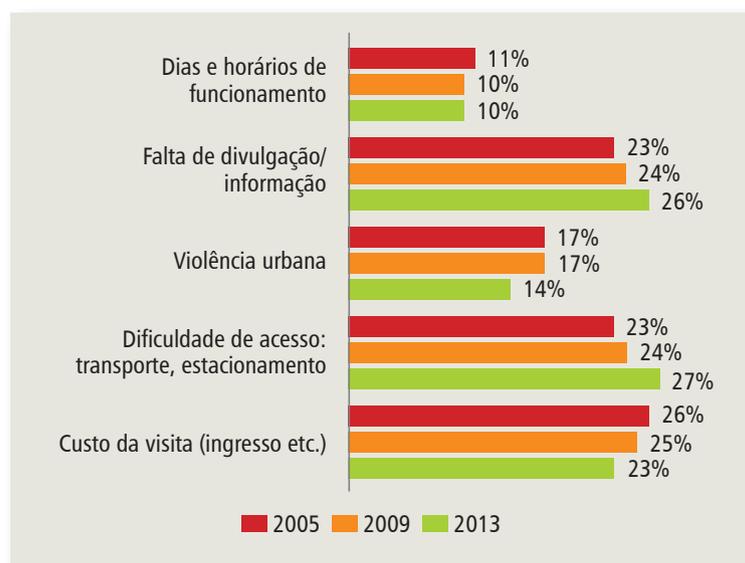
Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

Fatores que dificultam a visita a museus

No tocante aos fatores que dificultam a visita chama a atenção dois itens que se relacionam diretamente aos museus: a falta de divulgação e os dias e horários de funcionamento. Os custos que envolvem a visita, a dificuldade de acesso por meios de transporte e estacionamento e a violência urbana são questões relacionadas a problemas existentes na cidade nas áreas de segurança pública e mobilidade urbana.

Gráfico 18: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo os fatores que dificultam a visita a museus ou centros culturais

(Total consolidado dos cinco museus, respostas múltiplas: 2005, n=5.214; 2009, n=7.375; 2013, n=4.687)



Fonte: Pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013 / OMCC&T (2017)

A indicação de dificuldade de acesso aos museus é também apontada em pesquisas recentes. Na Percepção Pública da C&T no Brasil - 2015, a inexistência destas instituições (31%) e a sua distância (9%) são fatores significativos. Não saber onde existem, que representa também uma falta de informação do indivíduo, é apontada por 8% dos respondentes.

No Perfil Cultural dos Cariocas - 2015, não gostar/não ter interesse aparece como principal motivo alegado para não visitar museu (39%). Contudo, são apontadas pelo mesmo outras justificativas para não visitar museus: o fato de não ter perto de casa (11%), a falta de informação (2%) e o não conhecimento das instituições (1%), entre outros. Os custos da visita também são mencionados na pesquisa (11%), sendo que o valor do ingresso é fator significativo. O estudo mostra, ainda, que os que menos frequentam indicam que só visitam estas instituições no caso de não haver cobrança de ingresso: 51% entre os de baixa renda, 28% dos que possuem Ensino Fundamental e 30% dos que tem 60 anos ou mais.

SINTETIZANDO

A pesquisa Museus de Ciência e seus Visitantes ao longo das rodadas mostra que é predominante e crescente a presença das mulheres, daqueles inseridos na faixa de idade entre 15 e 29 anos, dos que possuem ensino superior completo e alta renda domiciliar. Estas informações confirmam que a prática de visita aos museus continua a ser predominantemente circunscrita a um grupo com capital cultural elevado. Embora os respondentes brancos continuem sendo maioria, observa-se o aumento dos autodeclarados pardos e pretos.

Os visitantes de primeira vez têm aumentado ao longo dos anos pesquisados e mais da metade conhece o museu há mais de cinco anos. O boca a boca, em especial as recomendações de professores, amigos e familiares, é o canal de informação sobre os museus mais frequente, sendo aquele que mais leva visitantes às instituições museológicas.

A maioria dos participantes realiza visitas que duram mais de uma hora, em companhia de familiares, motivados por conhecer, divertir-se e ampliar a visão de mundo. Os dados apresentados reforçam a importância do núcleo familiar na trajetória educacional e cultural dos indivíduos.

Em relação aos museus, Bourdieu (2007) enfatiza que as oportunidades oferecidas pela família são particularmente determinantes. Ainda segundo o autor, a primeira visita ao museu é geralmente feita antes dos 15 anos e estas visitas precoces são mais frequentes na medida que se eleva a hierarquia social. Neste contexto, reitera, os aprendizados que são adquiridos no âmbito familiar, invisíveis, desprendidos e precoces garantem aos seus portadores maior facilidade e melhor desempenho na apreensão da cultura. Assim sendo, o gosto pelos museus, o amor pela arte, assim como o pela ciência são produtos de um conjunto de condições não só materiais, mas também simbólicas, acumuladas por alguns indivíduos ao longo de suas trajetórias familiares e escolares. A visita a museus é entendida como um momento de lazer qualificado, ou seja, relacionado à aquisição, acumulação ou aperfeiçoamento do capital cultural.

Sobre o hábito de visita a museus e centros culturais, mais da metade dos visitantes informam ter ido a outros museus e centros culturais no ano anterior à sua participação na pesquisa. A frequência declarada é muito semelhante nas categorias duas ou três vezes e mais de três vezes: entre 33% e 38%, dependendo da rodada da pesquisa. As respostas relativas a cada opção apresentada apontam para a existência de um padrão de frequência a estas instituições.

Essa constância é particularmente importante pois significa um empreendimento prolongado de aquisição de capital cultural. No entendimento de Bourdieu (1979), a internalização deste capital pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação que exige investimentos de longa duração, para torná-lo parte integrante da pessoa, ou seja, o *habitus*. Os benefícios sociais, culturais e educacionais da visita a museus são percebidos por uma audiência muito restrita. É esta parte do público que visita os museus, a que reconhece a importância desse hábito e que está empenhado em sua reprodução

Os contrastes socioeconômicos da sociedade brasileira também se manifestam na desigualdade do acesso a bens, produtos, serviços, informações, meios de produção, museus e espaços públicos de cultura. Em um quadro de restrições orçamentárias tanto do Estado como das famílias, a cultura, inúmeras vezes, é vista como algo secundário ou privilégio de poucos. Os espaços de cultura com todas as suas potencialidades, são momentos privilegiados de construção de relacionamentos sociais com múltiplas mediações, desde os mais orientados para a satisfação de necessidades pessoais até aqueles voltados para o estabelecimento de vínculos sociais.

Políticas culturais públicas são capazes de atuar sobre essas condições desiguais, favorecendo a criação de situações materiais que possam aumentar as possibilidades de fruição do tempo livre, bem como democratizar o acesso a espaços, equipamentos, instituições e serviços de cultura.

Grande parte dos resultados acerca do perfil dos visitantes dos museus pesquisados são confirmados por estudos com caráter local (cidade do Rio de Janeiro) e nacional. Aqueles que se encontram praticamente ausentes nos museus da Rede OMCC&T são os mesmos que afirmam nos demais estudos não ter o hábito de visitar museus – pessoas mais velhas e aquelas com renda e nível de escolaridade baixos. Os estudos acerca da percepção do brasileiro sobre C&T e dos hábitos culturais dos cariocas apontam que a maior parte da população não costuma visitar museus. O último aponta, ainda, que o grau de notoriedade das instituições museológicas é maior do que a visita às mesmas. Nosso estudo revela a notoriedade antiga das instituições estudadas. Esta, se associada ao dado de que a maior parte dos respondentes afirma estar visitando o museu pela primeira vez, nos leva a concluir que pode existir um tempo considerável entre o saber da existência da instituição e o ato de visitá-la. Considerando, ainda, o elevado nível de satisfação dos visitantes revelado por nossos estudos, concluímos que apesar de uma parcela significativa dos cidadãos não visitar museus, aqueles que o fazem gostam e recomendam.

Os museus e centros de ciência são equipamentos culturais que têm o compromisso com a qualidade e fidedignidade do conhecimento científico disponibilizado ao público. Por esta razão, os resultados encontrados no estudo, mostrando uma experiência museal positiva para os visitantes e sua intenção de retornar ao museu são motivos de grande contentamento. O nível de satisfação demonstrado pelas respostas evidencia que a experiência agradou a um número expressivo de participantes da pesquisa. Nas três rodadas do estudo estas opiniões ultrapassam a frequência de 92%, com significativo equilíbrio entre as categorias Satisfeito e Muito satisfeito.

Um dos pontos importantes de estudos como o realizado é a possibilidade de escuta para a manutenção de uma política de aperfeiçoamento e melhoria constante do trabalho oferecido ao público. Neste sentido, conhecer o que dizem sobre os fatores que dificultam a prática de visitação é essencial. De todos os fatores apresentados, a falta de divulgação e dias e horários de funcionamento são os diretamente relacionados à gestão institucional e merecem atenção, objetivando atender a estas demandas.

A análise descritiva dos dados apresentados nesta publicação, estudo realizado em 2005, 2009 e 2013, são uma primeira aproximação sobre a atuação dos cinco museus de ciência e tecnologia que constituem o OMCC&T.

Em setembro de 2017, foi iniciada a quarta rodada da pesquisa Museus de Ciência e seus visitantes, com a adesão de quatro novos museus parceiros: Museu do Meio Ambiente/JBRJ, Museu Ciência e Vida, Museu Naval e Espaço Ciência Viva. Esta adesão representa uma importante meta alcançada pelo OMCC&T: a ampliação da rede de museus parceiros em âmbito local.

Neste novo levantamento, os dados estão sendo tomados utilizando-se pela primeira vez o questionário em formato digital, desenvolvido no *software FormSus*, disponibilizado pela plataforma DataSus do Ministério da Saúde. Isso possibilita a redução do tempo dedicado ao processo manual de tabulação dos dados, minimiza a probabilidade de perdas dos dados coletados, além de permitir o acompanhamento em tempo real das respostas dos visitantes. Esta agilidade na coleta de dados vai permitir a apresentação do estudo longitudinal representativo de 16 anos de atuação dos cinco museus iniciais em análises bivariadas. Os novos participantes iniciarão o acompanhamento do perfil sociodemográfico de seu público, a diversidade de visitas e a sua impressão sobre os museus.

Considerando o propósito de, por meio desses estudos, oferecer subsídios para a concepção de práticas culturalmente inclusivas nas instituições museológicas e orientar processos de tomada de decisão nas mesmas, o protocolo aplicado na rodada vigente (2017) inclui uma questão que busca gerar dados até o momento inéditos e que dizem respeito à presença de pessoas com deficiência nos museus participantes da Rede OMCC&T.

Futuramente novos protocolos serão desenvolvidos para expandir e diversificar informações sobre a ação dos museus de ciência e tecnologia na sociedade. Os resultados destes estudos são estratégicos para o constante aprimoramento das ações museais e contribuem para uma maior estruturação do campo museal e para o debate sobre a cultura científica no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. **Quem visita nossos museus?** Pesquisa de público no Brasil. Palestra proferida durante a Oficina sobre Avaliação e Estudos de Público para a implantação do Observatório de Museus e Centros Culturais, Petrópolis, novembro de 2003.

BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. (Org.). **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 11-71.

BOURDIEU, P. Les trois états du capital culturel. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v.30, p. 3-6, 1979.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 2007.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros.** Percepção pública da C&T no Brasil: 2015. Brasília, DF: 2017. 152p

GIDDENS, A. Risco, confiança, reflexividade. In: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 219-234.

HÁBITOS culturais dos cariocas - População residente na cidade do Rio de Janeiro com 12 anos ou mais. Rio de Janeiro: Datafolha, JLeiva Cultura & Esporte e Secretaria Municipal de Cultura. 2013. Disponível em:

<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4478506/4113215/HabitosCulturaisCarioca.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Informações básicas municipais.** Perfil dos municípios brasileiros 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2012/munic2012.pdf>. Acesso em: out. 2017.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. **Museus em Números.** Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

IBRAM. **Política Nacional de Educação Museal.** Brasília: IBRAM, 2017. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal.pdf>>. Acesso em: out. 2017.

MASSARANI, L.; FERREIRA, J. B.; BRITO, F.; AMORIM, L.; ALMEIDA, C. **Centros e museus de ciência do Brasil 2015**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência: UFRJ. FCC. Casa de Ciência: Fiocruz. Museu da Vida. 2015.

MIRONER, L. **Cent Musées à la rencontre du public**. Paris: Observatoire Permanent des Publics, 2002.

PERFIL Cultural dos Cariocas, Datafolha, 2015. Disponível em: <<http://www.culturatorio.com.br/>>. Acesso em: out. 2017.

ANEXOS

Folder (frente)



Museus de Ciência e seus Visitantes

Resumo dos Resultados Consolidados do Estudo Longitudinal

2005 • 2009 • 2013

A Pesquisa

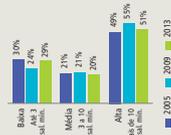
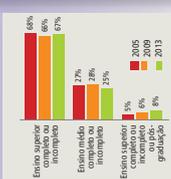
“Museus de Ciência e seus Visitantes: estudo longitudinal 2005, 2009, 2013”

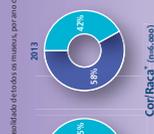
levantou e acompanhou a evolução do perfil e da opinião de 6.154 visitantes de cinco museus de ciência situados na cidade do Rio de Janeiro. O estudo caracteriza-se como um survey, realizado com o público de visitação espontânea, maior de 15 anos, por meio de um questionário autoaplicado, com questões sobre antecedentes e circunstâncias da visita, opinião, hábitos culturais e perfil do visitante.

Instituição	Ano	2005	2009	2013	Total
Museu Aeroespacial (Força Aérea Brasileira - Ministério da Defesa)		348	557	176	1082
Museu da Vida		266	350	391	1007
Museu de Astronomia (Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações)		428	642	623	1693
Museu do Universo (Fundação Planetário de Curitiba - Rio de Janeiro) (Parque de Colares do Rio de Janeiro)		380	457	214	1051
Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro - Ministério da Educação)		331	585	405	1321
Total		1754	2291	1809	6154

Perfil do visitante

Os percentuais obtidos mostram crescimentos da presença feminina e do grupo etário referente à faixa entre 15 e 29 anos. Considerando a autodeclaração sobre cor/raça, segundo a classificação do IBGE, houve predominância de respondentes brancos. Os níveis de escolaridade são elevados, sendo o mais informado o ensino superior, o que é coerente com a renda domiciliar declarada.



A pesquisa "Museus de Ciência e Seus Visitantes: Estudo Longitudinal 2005-2009-2013" está disponível em <http://www.omccetfiozuz.br> (publicações)

Instituições participantes do estudo

Museu Aeroespacial
(Força Aérea Brasileira - Ministério da Defesa)

Museu de Astronomia e Ciências Afins
(Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações)

Museu do Universo
Fundação Planetário de Curitiba
Cidade do Rio de Janeiro
(Parque de Colares do Rio de Janeiro)

Museu Nacional
(Universidade Federal do Rio de Janeiro - Ministério da Educação)

Museu da Vida
(Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz - Ministério da Saúde)

Realização



Edição e Organização



Apoio



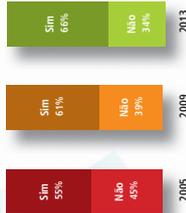
Programação Visual: Deborah Curi

Folder (verso)

Antecedentes da visita

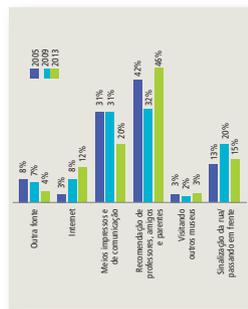
O número de respondentes que visitam os museus pela primeira vez tem crescido desde 2005, embora mais da metade tenham declarado conhecê-los há mais de cinco anos. A maioria dos visitantes afirmou ter tomado conhecimento da instituição por recomendação de professores, amigos e familiares, ficando os meios de comunicação de massa e de divulgação em segundo lugar. A internet apresentou um crescimento considerável no período de 2005 a 2013. Quanto ao contexto da visita, constatou-se que 94% dos respondentes a realizaram acompanhados, o que confirma que esta é uma prática de sociabilidade.

Primeira visita ao museu? (n=6.026)

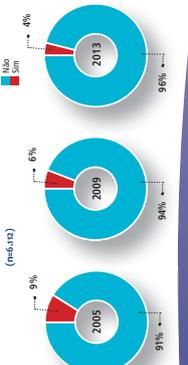


n = Total consolidado de todos os museus, por ano de coleta de dados

Como ficou sabendo do museu? (múltiplas respostas, n=6.592)



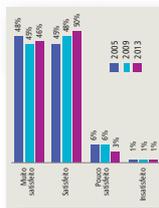
Está visitando o museu sozinho? (n=6.182)



Grau de satisfação, intenção e motivação de retorno

Os resultados sugerem que os visitantes tiveram uma experiência museal positiva. Nas três rodadas do estudo (2005, 2009 e 2013), mais de 92% dos visitantes se declararam "satisfeitos" ou "muito satisfeitos", com significativo equilíbrio entre estas categorias. Concomitante, mais de 86% dos respondentes manifestaram intenção de retornar ao Museu.

Em relação a visita que acabou de realizar, como se sente? (n=5.470)

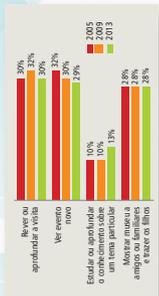


Intenção de retorno ao museu visitado* (n=5.072)



Os motivos alegados para o retorno ao museu visitado são: ver um evento novo (uma nova exposição ou assistir a um espetáculo); rever o que mais interessou ou aprofundar a visita; mostrar a amigos ou familiares e trazer os filhos; e estudar ou aprofundar o conhecimento sobre um tema particular.

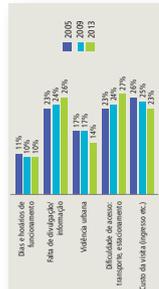
Motivos para retornar ao museu* (múltiplas respostas, n=54.094)



Dificuldades Apontadas

No tocante aos fatores que dificultam a visita, chamam a atenção os custos que envolvem esta prática; a falta de divulgação; e a dificuldade de acesso (transporte e estacionamento). "Violência urbana" e "clima/horários de funcionamento", também foram mencionados pelos visitantes.

Fatores que dificultam a visita a museus* (múltiplas respostas, n=7.236)



QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

MUSEU: DATA DA VISITA: SÁB DOM SEG TER QUA QUI SEX QUESTIONÁRIO:

Este Museu está realizando uma pesquisa para melhor conhecer seus visitantes e saber o que pensam da visita. Escutá-los é a melhor forma de melhorar a qualidade das exposições, serviços e atividades propostos.

Contamos com sua colaboração no preenchimento deste questionário e solicitamos que ele seja entregue **ao final de sua visita**. Desde já agradecemos sua participação!

Lembramos, ainda, que as informações coletadas são confidenciais e se destinam exclusivamente à pesquisa no âmbito da rede Observatório de Museus e Centros de Ciência e Tecnologia (OMCC&T), uma iniciativa em parceria entre as seguintes instituições: Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Museu da Vida - Fundação Oswaldo Cruz; Museu de Astronomia e Ciências Afins - Ministério da Ciência e Tecnologia, Museu Aeroespacial, Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro e Casa da Descoberta – Universidade Federal Fluminense.

COMO PREENCHER o questionário:

Por favor, para escolher as suas respostas, **circunde o número** correspondente. Por exemplo, para responder "sim": 1 - sim 2 - **não**

Caso tenha dúvidas sobre o preenchimento do questionário ou necessite de ajuda, não hesite em nos contatar.

1. Antecedentes e Circunstâncias da Visita

<p>1.1 – É a primeira vez que você visita este Museu? 1 – sim → <i>Passar para a questão 1.3</i> 2 – não → <i>Informe o número de visitas (sem contar com a visita de hoje): _____ visitas</i></p>	<p>14 – Outra fonte → <i>Qual? _____</i></p>
<p>1.2 – Quando foi sua última visita ao Museu? <i>(Marque apenas uma resposta)</i> 1 – Há menos de 6 meses 2 – Entre 6 meses e 1 ano 3 – Entre 1 e 2 anos 4 – Entre 2 e 5 anos 5 – Há mais de 5 anos</p>	<p>1.5 – Quais os principais motivos desta visita? <i>(Marque SIM ou NÃO em cada linha)</i> 1 – Conhecer o museu 1.SIM 2.NÃO 2 – Rever ou complementar uma visita anterior 1.SIM 2.NÃO 3 – Pesquisar / estudar algum tema 1.SIM 2.NÃO <i>Qual? _____</i> 4 – Interesse pelos assuntos das exposições 1.SIM 2.NÃO 5 – Participar de atividades específicas (palestras, cursos, oficinas, etc.) 1.SIM 2.NÃO 6 – Assistir a algum espetáculo (teatro, concerto, cinema, vídeo, etc) 1.SIM 2.NÃO 7 – Trazer os filhos 1.SIM 2.NÃO 8 – Acompanhar amigos/outras pessoas 1.SIM 2.NÃO 9 – Alargar horizontes/conhecer coisas novas 1.SIM 2.NÃO 10 – Divertir-se 1.SIM 2.NÃO 11 – Entrada gratuita/baixo valor do ingresso 1.SIM 2.NÃO 12 – Outro motivo → <i>Qual? _____</i></p>
<p>1.3 – Desde quando você sabe da existência deste Museu? <i>(Marque apenas uma resposta)</i> 1 – Hoje 2 – Há menos de 1 semana 3 – Entre 1 semana e 1 mês 4 – Entre 1 mês e 1 ano 5 – Entre 1 e 5 anos 6 – Há mais de 5 anos</p>	<p>1.6 – Você está visitando sozinho? 1 – sim → <i>Passar para a questão 1.10</i> 2 – não</p>
<p>1.4 – Como ficou sabendo a respeito deste Museu? <i>(Pode marcar mais de uma resposta)</i> 1 – Passando em frente ao Museu 2 – Visitando outros museus 3 – Na televisão 4 – No rádio 5 – Através de panfletos, cartazes, outdoors 6 – Na Internet (sites de busca ou de notícias) 7 – Na Internet (sites do museu ou da Fiocruz) 8 – Lendo jornais ou revistas 9 – Por recomendação de amigos 10 – Por recomendação de professores 11 – Por recomendação de familiares 12 – No guia turístico 13 – Pela sinalização de rua</p>	<p>1.7 – Com quantas pessoas você está visitando? <i>_____</i></p> <p>1.8 – Você está visitando o Museu: <i>(Pode marcar mais de uma resposta)</i> 1 – Com o cônjuge / companheiro(a) ou namorado(a); 2 – Com pai / mãe; 3 – Com um ou mais filhos; 4 – Com outros membros da família; 5 – Com amigos; 6 – Com um grupo organizado (igreja, escola, etc.) <i>Qual? _____</i> 7 – Outros → <i>Com quem?</i></p>

1. Antecedentes e Circunstâncias da Visita

1.9 – Se você visita o museu na companhia de pessoas com idade inferior a 15 anos, informe a faixa etária:
(Pode marcar mais de uma resposta)

- 1 – De 0 a 6 anos
- 2 – De 7 a 10 anos
- 3 – De 11 a 14 anos

1.10 – Quanto tempo, aproximadamente, durou a sua visita?

- 1 – Até 30 min
- 2 – Mais de 30 min a 1 hora
- 3 – Mais de 1 a 2 horas
- 4 – Mais de 2 horas

2. Conhecendo sua Opinião sobre o Museu

2.1 – Em relação à visita que você acabou de realizar, você se sente:

- 1 – Muito satisfeito
- 2 – Satisfeito
- 3 – Pouco satisfeito
- 4 – Insatisfeito

2.2 – Como você avalia os nossos SERVIÇOS? (Marque apenas uma resposta em cada linha)

Serviços	ótimo	bom	regular	ruim	péssimo	não sei
1. Sinalização (orientação de entrada, saída, banheiros...)	1	2	3	4	5	6
2. Conforto (banheiro, guarda volume, temperatura nas salas, assentos, bebedouros, lanchonete...)	1	2	3	4	5	6
3. Conservação e manutenção (dos equipamentos, dos objetos expostos, etc.)	1	2	3	4	5	6
4. Limpeza	1	2	3	4	5	6
5. Iluminação	1	2	3	4	5	6
6. Segurança	1	2	3	4	5	6
7. Informações e explicações disponíveis (painéis, textos, áudios guias, filmes, etc.)	1	2	3	4	5	6
8. Acolhimento (recepcionista, monitor, guarda, guia)	1	2	3	4	5	6
9. Acesso (facilidade de transporte, sinalização nas ruas, facilidade de estacionamento)	1	2	3	4	5	6
10. Horários de funcionamento Alguma sugestão de horário? _____	1	2	3	4	5	6

2.3 – Você pretende retornar a este Museu nos próximos doze meses?

- 1 – Certamente
- 2 – Provavelmente sim
- 3 – Provavelmente não
- 4 – Não

2.4 – Caso você pense em retornar a este Museu nos próximos 12 meses, com que objetivos retornaria?
(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

1 – Para rever o que mais interessou	1. SIM	2. NÃO
2 – Para completar ou aprofundar a visita de hoje	1. SIM	2. NÃO
3 – Para visitar uma nova exposição	1. SIM	2. NÃO
4 – Para assistir a um espetáculo, evento ou participar de uma atividade promovida pelo museu	1. SIM	2. NÃO
5 – Para estudar ou aprofundar o conhecimento sobre um tema em particular	1. SIM	2. NÃO
6 – Para mostrar este museu a amigos ou familiares	1. SIM	2. NÃO
7 – Para trazer os filhos	1. SIM	2. NÃO
8 – Outro motivo → Qual? _____		

2.5 – Que outros temas e assuntos você gostaria de encontrar neste Museu?

3. Conhecendo seus Hábitos de Visita a Museus e Centros Culturais

3.1 – Você visitou outros museus ou centros culturais nos últimos 12 meses?

1 – Sim → *Quais?*

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

2 – Não → *Passe para a questão 3.5*3 – Não, é a primeira vez que visito um museu → *Passe para a questão 3.5*3.2 – Nos últimos 12 meses, com que frequência você visitou museus ou centros culturais? (*Marque apenas uma resposta*)

1 – Uma vez

2 – Duas ou três vezes

3 – Mais de três vezes

3.3 – Você costuma visitar museus ou centros culturais: (*Pode marcar mais de uma resposta*)

1 – Aos sábados

2 – Aos domingos

3 – Em outros dias da semana

4 – Nos feriados

3.4 – Você costuma visitar museus ou centros culturais: (*Marque apenas uma resposta*)

1 – Pela manhã

2 – Na hora do almoço

3 – À tarde

4 – À noite

3.5 – Na sua opinião, que fatores dificultam a visita a museus ou centros culturais? (*Marque SIM ou NÃO em cada linha*)

1 – Custo do ingresso 1. SIM 2. NÃO

2 – Outros custos de uma visita (transporte, alimentação, etc.) 1. SIM 2. NÃO

3 – Dificuldade de transporte / acesso 1. SIM 2. NÃO

4 – Dificuldade de estacionamento 1. SIM 2. NÃO

5 – Violência urbana 1. SIM 2. NÃO

6 – Falta de divulgação/informação sobre os museus, exposições, atividades, etc. 1. SIM 2. NÃO

7 – Dias e horários de funcionamento 1. SIM 2. NÃO

8 – Outro fator → Qual? _____

4. Conhecendo Você

4.1 – Sexo:

1 – Masculino

2 – Feminino

4.2 – Idade: _____ anos completos

4.3 – Estado Civil / situação conjugal atual:

1 – Solteiro(a)

2 – Casado(a) / união estável

3 – Viúvo(a)

4 – Separado(a) / divorciado(a)

5 – Outro

4.4 – Escolaridade:

1 – Sem instrução escolar

2 – Ensino Fundamental incompleto

3 – Ensino Fundamental completo

4 – Ensino Médio incompleto

5 – Ensino Médio completo

6 – Ensino Superior incompleto

7 – Ensino Superior completo

8 – Pós-graduação: _____

4.5 – Com relação à sua cor/raça, como você se considera:

1 – Branco

2 – Preto

3 – Pardo

4 – Amarelo

5 – Indígena

4.6 – Você exerce alguma atividade remunerada?

1 – sim

2 – não → *Passe para a questão 4.8*4.7 – Se você exerce atividade remunerada, indique sua situação: (*Marque apenas uma resposta*)

1 – Empregado do setor privado

2 – Empregado do setor público

3 – Profissional liberal

4 – Autônomo / por conta própria

5 – Empresário

6 – Bolsista / estagiário

7 – Outra → Qual? _____

4. Conhecendo Você

4.8 – Se você **NÃO** exerce atividade remunerada, indique sua situação: (Marque apenas uma resposta)

- 1 – Desempregado / procurando trabalho
- 2 – Cuida dos afazeres domésticos
- 3 – Estudante
- 4 – Aposentado / pensionista
- 5 – Outra → Qual? _____

4.9 – Qual é a sua renda domiciliar mensal? (Inclua salário, pensões e outros ganhos de todos os que moram em sua casa)

- 1 – Até 700 reais
- 2 – Mais de 700 a 1.050 reais
- 3 – Mais de 1.050 a 2.100 reais
- 4 – Mais de 2.100 a 3.500 reais
- 5 – Mais de 3.500 a 7.000 reais
- 6 – Mais de 7.000 a 10.500 reais
- 7 – Acima de 10.500 reais
- 8 – Não sei informar

4.10 – Onde você mora (residência principal)?

- 1 – Em que bairro? _____
- 2 – Em que município/cidade? _____

3 – Em que Estado (unidade da Federação)? (Assinale na lista abaixo)

1 – RJ	7 – AP	13 – MA	19 – PI	25 – SE
2 – SP	8 – BA	14 – MS	20 – PR	26 – TO
3 – MG	9 – CE	15 – MT	21 – RN	
4 – AC	10 – DF	16 – PA	22 – RO	
5 – AL	11 – ES	17 – PB	23 – RS	
6 – AM	12 – GO	18 – PE	24 – SC	

4 – Em outro País. Qual? _____

4.11 – Caso você resida em outro município, estado ou país, sua visita a esta cidade foi motivada pelo interesse em conhecer o museu?

- 1 – Sim, a vinda para esta cidade tinha como motivação **exclusiva** conhecer/visitar este museu
- 2 – Sim, a vinda para esta cidade previa, **também**, conhecer/visitar este museu
- 3 – Não. A visita **ao museu** foi decidida depois.

Você gostaria de deixar alguma sugestão ou comentário?

Agradecemos a sua colaboração.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da amostra por ano de coleta de dados e museu participante.....23

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o sexo declarado..... 24

Gráfico 2: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a faixa etária declarada25

Gráfico 3: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a cor/raça declarada 26

Gráfico 4: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o nível de escolaridade declarado.....27

Gráfico 5: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a faixa de renda declarada 28

Gráfico 6: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa que declararam visitar o museu pela primeira vez 29

Gráfico 7: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o tempo de conhecimento da existência do museu 30

Gráfico 8: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a fonte de informação sobre a existência do museu 31

Gráfico 9: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o motivo declarado para a visita.....32

Gráfico 10: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa que visitam o museu desacompanhados.....33

Gráfico 11: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o tipo de acompanhante.....33

Gráfico 12: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o tempo de duração da visita ao museu..... 34

Gráfico 13: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o grau de satisfação com a visita ao museu35

Gráfico 14: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a intenção de retorno ao museu, nos próximos 12 meses..... 36

Gráfico 15: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo o motivo declarado para retornar ao museu nos próximos 12 meses 36

Gráfico 16: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa que declararam ter visitado outros museus ou centros culturais nos últimos 12 meses.....37

Gráfico 17: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo a frequência de visita a museus ou centros culturais nos últimos 12 meses..... 38

Gráfico 18: Percentual de entrevistados nas três rodadas da pesquisa segundo os fatores que dificultam a visita a museus e centros culturais 39

ISBN 978-85-9543-004-4



9 788595 430044

